

Governo Lula
anuncia novas
medidas para
conter os efeitos
da guerra



Líderes dos EUA
e Irã negociam
uma trégua
temporária
em conflito



Jeep Avenger
começa a ser
fabricado em
Porto Real, no
Rio de Janeiro



ISTO É Dinheiro

Edição 27 - 10/4/26



A BATALHA DAS TELAS

Em meio à ascensão vertiginosa do consumo de vídeos nos celulares,
os fabricantes de aparelhos de TV investem em tecnologia e aproveitam
a Copa do Mundo para vender seus novos produtos



Capa

Página
19

Telonas super conectadas na era do celular ganham espaço em ano de Copa

FREEPIK

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ
Dinheiro

EDITORA
Érica Polo

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoedinheiro.com.br

Instagram
[instagram.com/istoe_dinheiro/](https://www.instagram.com/istoe_dinheiro/)

YouTube
[m.youtube.com/@istoe_dinheiro](https://www.youtube.com/@istoe_dinheiro)

X
x.com/istoe_dinheiro

Facebook
[facebook.com/istoedinheiro](https://www.facebook.com/istoedinheiro)

TikTok
[tiktok.com/@revistaistoe](https://www.tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn
[linkedin.com/company/istoe-dinheiro/](https://www.linkedin.com/company/istoe-dinheiro/)

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ DINHEIRO é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

Índice

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL, SEAMAN KEVIN T. MURRAY JR., DIVULGAÇÃO, RICH STORRY/GETTY IMAGES VIA AFP E FREEPIK

3 ENTREVISTA

6 ECONOMIA

8 BRASIL

11 INTERNACIONAL

15 NÚMEROS DA SEMANA

16 MERCADO DE CAPITAIS

18 FINANÇAS

19 EMPRESAS

26 ESG

28 RURAL

34 AUTO

36 ENTRETENIMENTO

37 O MELHOR DAS REDES

38 PALAVRA POR PALAVRA

39 COLUNA



Diesel: Durigan e o subsídio de R\$ 0,80

WASHINGTON COSTA



Berço da criatividade, DPZ renasce

DIVULGAÇÃO



Margareth Menezes: cultura ganha força

DANIELE FERNANDES/CEMG

Uma disputa digital

Sob comando do CEO Glauber Mota no Brasil, a fintech britânica Revolut lança produtos e aposta em seu poder de fogo global para conquistar espaço no mercado brasileiro

“A nossa escala permite que eu tenha um preço mais competitivo e às vezes até zerar tarifas. Eu tenho fluxos financeiros acontecendo em todo lugar, dinheiro vindo do exterior para o Brasil e vice-versa”



LEONARDO MONTEIRO

A fintech britânica Revolut, conduzida no Brasil pelo CEO Glauber Mota, está em uma nova fase. Depois de desembarcar no país em 2022 e avançar aos poucos, o momento é de expansão por meio de novos produtos. Em um segmento concorrido e movimentado devido ao potencial, sob o endurecimento de regras por parte do Banco Central (BC), a companhia aposta no poder de fogo de sua escala global. Com

70 milhões de usuários mundo afora (e receita de 4,5 bilhões de libras em 2025), uma das mais recentes estratégias para enfrentar a acirrada concorrência local e atrair novos clientes envolve o lançamento de produtos, como um cartão de crédito que permite isentar a cobrança de taxas e entrega retorno de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) em transações de câmbio. Confira:

Eduardo Vargas

A fintech está em um momento de mudança de fase no Brasil. O que vocês estão anunciando para competir em um mercado que está concorrido?

Estamos vivendo um momento histórico de mudança de fase. Estamos lançando uma série de ofertas que colocam a nossa operação brasileira em paridade com o sucesso que já temos na Europa. Deixamos de ser apenas uma conta

global para nos tornarmos uma oferta financeira completa. Além da conta multimodas e do cartão que funciona no Brasil e no exterior, chega agora um cartão de crédito 'super premium', com muitos benefícios que colocam o posicionamento da Revolut em outro patamar. A gente reforça os benefícios dos planos Standard, Plus, Premium e Metal, que já funcionam no débito, associa isso ao cartão de crédito e traz isenção de IOF e de taxa de câmbio.

É o primeiro cartão de crédito para clientes brasileiros?

Isso. A gente lançou um cartão de crédito teste, o standard, somente para entender como funciona a aceitação, perfil de uso e motor de crédito. Agora não. Agora o cartão fica competitivo como os principais cartões de mercado. Nosso plano Metal já se posiciona muito bem. E agora chega uma categoria nova, o Ultra, o melhor que a Revolut tem no mundo. Ele traz, por exemplo, uso de sala VIP ilimitada no mundo inteiro e isenções [de spread e retorno da cobrança de IOF] em operações de câmbio até R\$ 20 mil.

Sobre essa questão da taxa zero, qualquer cliente vai conseguir fazer transações no exterior sem pagar taxas e spreads?

Todo mundo vai conseguir. A diferença é que, a depender do plano, a pessoa tem limites maiores. A gente modelou de uma forma para que a pessoa pudesse recuperar o valor da mensalidade. No cartão de crédito, cada categoria vai ter um volume de uso para que a pessoa isente a anuidade. Mas na Revolut, como tem desconto de taxa zero em câmbio, ela pode recuperar o valor no próprio mês. Estamos trazendo uma inclusão de um luxo mais acessível. No Brasil, as mensalidades começam em R\$ 10 [Plus] e vão até R\$ 249, no caso do Ultra. Parece um valor grande no Ultra, mas o total somado é menor do que a anuidade de cartões de crédito [que estão] no mesmo patamar, e ele entrega um pacote de benefícios superior. O usuário pode isentar via volume de transação, via taxa de câmbio ou retorno equivalente no uso das 14 assinaturas incluídas, como Financial Times, Tinder Gold, NordVPN e ClassPass.



LEONARDO MONTEIRO

Como vocês usam estrategicamente o fato de estarem em mais de 40 países?

A nossa escala permite que eu tenha um preço muito mais competitivo e às vezes até zerar tarifas. Eu tenho fluxos financeiros acontecendo em todo lugar, dinheiro vindo do exterior para o Brasil e vice-versa, o que permite que minha tesouraria faça uma gestão muito mais eficiente. É a experiência de um aplicativo como a Uber: o cliente está no Brasil, nos Estados Unidos ou na Europa e a experiência é a mesma. No Brasil, zerar tarifa é um pouco mais difícil por causa do IOF, que não existe em outros países, mas a otimização dos nossos produtos permitiu fazer isso.

De que forma a rentabilidade não fica comprometida?

Temos uma estratégia de footprint global e receitas muito diversificadas. Não dependo exclusivamente do câmbio. Dado que as margens são apertadas, por que não dar isso de presente para o cliente e ele começa a transacionar comigo em todo o resto que tenho a oferecer?

Como funciona o envio de dinheiro entre usuários de diferentes países?

É o nosso Transfer, que é quase um 'Pix Global'. Todo cliente da Revolut tem um @arroba. Se você mandar no próprio chat do aplicativo para um amigo em outro país, ele recebe uma notificação e aceita. Se estiverem viajando juntos, podem dividir a conta do restaurante de maneira igualitária ou proporcional. Isso acontece em países de moedas diferentes de forma instantânea. Atualmente temos mais de trinta moedas no portfólio, mas o cartão funciona no mundo inteiro. Se você tem dólares e passa o cartão no Japão, ele transaciona no câmbio comercial de iene para dólar no momento da compra.

Qual é o tamanho da operação da Revolut hoje no Brasil?

O time na instituição financeira tem aproximadamente cem pessoas, mas também temos uma empresa de tecnologia no Brasil com mais de 120 pessoas, que desenvolvem para o Brasil e para a expansão na América Latina, como México, Colômbia e Peru. Temos entre 220 e 230 pessoas no Brasil hoje. O Brasil foi o primeiro a estar com operação ativa na região. Recentemente lançamos o México e o próximo será a Colômbia. Na Argentina, compramos um banco e esperamos aprovação regulatória.

Como vocês enxergam a competição com as fintechs brasileiras, que já são muito consolidadas?

A competição deixou o brasileiro mais exigente. Para nós isso é um prato cheio, porque eu já tenho uma barreira de entrada quebrada: ele já tem aptidão para testar soluções digitais. Se eu entrego valor, ganho a oportunidade de ser a plataforma principal. Globalmente, o foco da Revolut é produto. A gente cresce pelo 'member get member', ou seja, indicações dos próprios clientes. Não colocamos muito recurso para promover a marca em países de expansão até que o produto esteja pronto para o impacto de escala.

O Brasil é visto como um mercado burocrático e de custos altos. Como tem sido lidar com essas peculiaridades?

É inevitável beber da fonte local. Você aprende com a Revolut global, mas adapta muita coisa. Tivemos que construir o Pix como participante primário, o que é uma complexidade adicional, mas agora o Brasil está exportando esse aprendizado. Aprendemos controles de fraude no exterior e colocamos em cima as ferramentas brasileiras. Em cyberssegurança, absorvemos [conhecimento] de vários países. Temos facilidades como bloquear tipos de transação por categoria — você pode bloquear gastos em cassinos ou jogos online direto no aplicativo. Temos também o bloqueio por geografia: você configura para o cartão funcionar apenas no seu bairro ou cidade, e ele limita o acesso fora dessa região. Há peculiaridades de cada mercado, claro. Explicar boleto para gringo é um desafio diário. Explicar IOF e mudança de normativa da noite para o dia também. Mas nosso projeto é gerido por brasileiros experientes no mercado local.

No campo regulatório, o Brasil avançou com a agenda do Banco Central (BC). Além do Pix, houve modernizações menos visíveis, mas relevantes. Como vocês avaliam o avanço da regulação no setor financeiro do país?

O Pix continua em evolução. O padrão já funciona há alguns anos, mas há projetos para Pix por aproximação, Pix



LEONARDO MONTEIRO

Crédito e Pix Programado. Há uma série de inovações em constante evolução. O Open Finance, eu acho que traz uma mudança de paradigma na competição porque permite, de certa forma — ainda está chegando lá —, o acesso a informações que eram privadas dos incumbentes [os grandes bancos], de acordo com a autorização do cliente, obviamente. Isso faz com que novos entrantes possam competir e trazer ofertas mais relevantes para o usuário do sistema financeiro. Dentre muitas outras, a agenda do BC trouxe incentivos para inclusão e educação financeira, que no Brasil ainda é muito carente, além de várias iniciativas interessantes que melhoram a competitividade e o benefício para o cliente final.

Quais são as opções de investimento para quem abre conta na Revolut Brasil hoje?

Quem abre conta conosco tem uma conta em reais no Brasil e uma conta offshore multimoedas no exterior. Essa conta dá acesso a investimentos lá fora, como a bolsa americana. Você pode comprar ações e ETFs americanos

em poucos cliques, inclusive ETFs de renda fixa americana (títulos do governo do país).

O cenário fiscal e os juros altos no Brasil preocupam?

O Brasil passa por um momento difícil do ponto de vista fiscal e usa o juro para controlar a inflação. Mas quem empreende no Brasil tem que estar preparado para enfrentar o cenário que tiver. Não era uma condição necessária ter um ambiente macroeconômico adequado para investir aqui. Decidimos que o Brasil é importante e vamos ajudar o cliente a navegar. Se ele quiser levar dinheiro para fora em um momento de crise, faremos de forma barata. Se precisar de crédito ou quiser investir, também estaremos lá.

Onde você vê a Revolut Brasil daqui a cinco anos?

Meu objetivo pessoal é que a operação brasileira seja 'top 3' na Revolut Global. Queremos ser a primeira opção do cliente para tudo o que ele precisar da vida financeira no Brasil e no exterior. **D**

*Governo federal
vai subsidiar
produção local em
R\$ 0,80 por litro*



Inflação no horizonte

Governo federal reforça pacote de medidas de olho no efeito inflacionário da guerra no Oriente Médio – a nova subvenção ao diesel tem custo de R\$ 3 bilhões por mês

Ana Carolina Nunes

Em meio à tensão no Oriente Médio, o governo federal anunciou mais um combo de medidas em busca de conter o impacto da guerra para o preço dos combustíveis no mercado interno. Com a contínua volatilidade do barril de petróleo, que voltou a ultrapassar os US\$ 110 o barril, a primeira medida anunciada foi uma nova subvenção ao diesel, de R\$ 0,80 por litro, aos produtores brasileiros. A nova subvenção será realizada com recursos federais, a um custo estimado de R\$ 3 bilhões por mês

e deverá durar dois meses, podendo ser prorrogada por igual período.

A Medida Provisória (MP) do governo envolveu o setor aéreo e o gás de cozinha. Sobre o efeito às contas do governo, uma preocupação sobretudo em 2026, ano eleitoral, o ministro da Fazenda, Dario Durigan, ressaltou que a maior parte do gasto com o plano contra efeitos do conflito no Oriente Médio será compensada pela arrecadação extraordinária gerada por ganhos das empresas petrolíferas diante da cotação mais

alta do barril, além do já implementado imposto de exportação do petróleo. “A gente está enxergando, até aqui, absoluta neutralidade fiscal”, disse.

Cálculo da Warren Investimentos, conduzido pelo economista-chefe da casa Felipe Salto, indica impacto fiscal bruto de R\$ 34,7 bilhões se as medidas vigorarem até agosto, prazo considerado plausível para a duração das medidas. Inclusive as compensações, a cifra cai para R\$ 15,7 bilhões. “O impacto fiscal líquido parece passível de acomodação,



WASHINGTON COSTA

quando se considera que o aumento do preço do barril do petróleo eleva a arrecadação federal de modo indireto, o que poderá ajudar, também, no cumprimento da meta fiscal do governo central em seu intervalo inferior”, diz o relatório dos economistas. O cálculo considera a medida que ainda está em negociação com os estados.

Em contrapartida à subvenção anunciada nesta semana ao diesel, os produtores deverão aumentar o volume vendido aos distribuidores e garantir o repasse do benefício aos preços ao consumidor. A iniciativa se soma à subvenção de R\$ 0,32 por litro que já está em vigor e foi anunciada em 12 de março pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva na presença de ministros.

Esta medida mais recente difere da outra focada em diesel importado e que depende da participação dos estados para ser formulada. A iniciativa em negociação anunciada há duas semanas prevê um desconto de R\$ 1,20 por litro de diesel, sendo R\$ 0,60 de subsídio federal e R\$ 0,60 estadual. Durigan disse que dois, dos 27 estados, não fizeram a adesão ao programa, e não quis revelar

quais deles. “Não vou fulanizar”, afirmou o ministro. O governo inclui no pacote o decreto que zera os dois tributos federais – PIS e Cofins – que incidem sobre o biodiesel, gerando uma economia de R\$ 0,02 por litro do combustível. O combustível renovável hoje é adicionado ao óleo diesel vendido nas bombas, em uma proporção de 15%. Além de Durigan, participaram da coletiva, Alexandre Silveira, ministro de Minas e Energia (MME), e Bruno Moretti, ministro do Planejamento e Orçamento (MPO).

A iniciativa que vai subsidiar os produtores brasileiros de diesel foi concretizada por meio de Medida Provisória (MP) e também prevê subvenção voltada ao Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) importado, o gás de cozinha. O governo pagará uma subvenção de R\$ 850,00 sobre cada tonelada de GLP, com valor total de R\$ 330 milhões. “O foco é garantir a importação e a distribuição, especialmente para as famílias de baixa renda”, disse Durigan. Com isso, o produto importado será comercializado ao mesmo preço daquele produzido no Brasil. A subvenção também terá duração de dois meses, podendo ser prorrogada por

mais dois. Além dos produtores e das famílias consumidoras, a MP se estendeu ao setor aéreo, já que o Pis/Cofins QAV (querosene de aviação) foi zerado, o que equivale a uma redução de R\$ 0,07 por litro do combustível.

As companhias aéreas também estão desobrigadas do pagamento de tarifas de navegação aérea durante este período. O montante poderá ser pago apenas em dezembro, referentes aos meses de abril, maio e junho. A iniciativa prevê duas novas linhas de crédito, sendo que a primeira conta com recursos do Fundo Nacional de Aviação Civil (FNAC), no valor total de até R\$ 2,5 bilhões por mutuário e foco em reestruturação financeira das empresas. Os financiamentos serão operados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ou instituição por ele habilitada. A segunda linha terá foco no capital de giro de seis meses, com R\$ 1 bilhão alocados, e condições financeiras e elegibilidade a serem definidas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), com risco da União. As linhas se somam ao mecanismo já adotado pela Petrobras de mitigar a alta de preços. **D**



CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA



PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

Caiado (PSD) entra na corrida presidencial como opção de 'terceira via' e Tebet (PSB) quer concorrer ao Senado por São Paulo

O jogo começou

Entre ministros e governadores que deixaram seus cargos e parlamentares que mudaram de partido, o cenário eleitoral aos poucos se define. Em meio à fotografia, a pulverização da direita não beneficia Lula

Luma Venâncio, Marina Miano e Júlia Bleichevel

Com o fim da janela partidária – quando parlamentares puderam trocar de legenda, de olho nas eleições – e com o encerramento do prazo de desincompatibilização – data-limite para chefes do executivo renunciarem a seus mandatos para concorrer a outros cargos –, no sábado, 4, a corrida eleitoral ganhou novos contornos e definições, mas ainda há muita disputa pelo caminho até 15 de agosto, último dia para registro das candidaturas.

Uma das questões ainda sem respostas é quem irá concorrer ao Senado por São Paulo na chapa da esquerda. A configuração até o momento indica que Simone Tebet, que deixou o ministério do Planejamento e Orçamento e trocou de partido, saindo do MDB para o PSB, está na disputa de uma das duas vagas que deverão ser preenchidas no pleito deste ano. A segunda está pendente

entre Marina Silva, que saiu do ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima e anunciou sua permanência na Rede (ela tinha convites para mudar de partido), e Márcio França (PSB), que se desincompatibilizou do ministério do Empreendedorismo. A resposta deverá tardar a ser conhecida.

Há, portanto, importantes negociações em curso até que o quadro eleitoral esteja totalmente definido. Mesmo na disputa pela presidência da República, em que os principais pré-candidatos já são conhecidos – com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) na dianteira das pesquisas de intenção de voto –, mais um nome foi apresentado: o do escritor Augusto Cury, que se filiou ao Avante já quase no fim da janela partidária.

Com esse movimento, a direita brasileira, em todos seus espectros, acumu-

la seis postulantes à presidência. Além de Flávio Bolsonaro, indicado pelo pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), os palanques da oposição ao governo contarão com Romeu Zema (Novo), Renan Santos (Missão), Aldo Rebelo (Democracia Cristã), Cabo Daciolo (Mobiliza) e Augusto Cury (Avante). De perfil conservador, Ronaldo Caiado (PSD) entra na corrida como a “terceira via” – o presidente do partido, Gilberto Kassab, afiança que a candidatura não é de direita, nem de esquerda.

A atual profusão de postulantes ligados ao campo da direita é quase oposta ao cenário no qual Lula se elegeu pela primeira vez. Em 2002, os candidatos à presidência incluíam Ciro Gomes (PPS), Rui Costa (PCO) e Zé Maria (PSTU). Hoje, na esquerda, o único nome é o do atual presidente, que, nesta semana, chegou a declarar que ainda não tinha decidido se

Brasil

seria candidato – ele alegou que irá esperar a convenção do PT em junho.

Órfão de seu principal líder, que está preso e inelegível, o campo da direita se reorganiza com nomes que buscam substituir Jair Bolsonaro ao mesmo tempo que se utilizam de seu capital político. O diretor de análise política da Atlas

Intel, Yuri Sanches, explicou à IstoÉ que, apesar da tentativa de fragmentação, a direita ainda demonstra uma forte dependência da base bolsonarista. Candidatos que buscam se reafirmar como alternativa frequentemente precisam apelar a pautas ligadas ao grupo de extrema-direita.

No campo progressista, a esquerda não se preocupa em alimentar candidaturas que fujam da garantia petista. Para a cientista política e professora da UFAL Luciana Santana, existe um diagnóstico dentro da centro-esquerda de que “apenas Lula possui chances efetivas de alcançar vitória”. A falta de outros nomes

Mudanças nos ministérios

Houve 18 alterações no quadro ministerial. Apenas uma, a saída do titular da pasta de Pesca e Aquicultura, não foi causada por razão eleitoral

Ministério	Entra	Cargo anterior	Sai	Motivo
Desenvolvimento, Indústria e Comércio	Márcio Elias Rosa	Secretário-executivo da pasta	Geraldo Alckmin	Disputa a reeleição como vice de Lula
Fazenda	Dario Durigan	Secretário-executivo da pasta	Fernando Haddad (PT)	Concorre ao governo de São Paulo
Transportes	George Santoro	Secretário-executivo da pasta	Renan Filho (MDB)	Concorre ao governo de Alagoas
Educação	Leonardo Barchini	Secretário-executivo da pasta	Camilo Santana (PT)	Pode disputar o governo do Ceará ou uma vaga ao Senado
Agricultura, Pecuária e Abastecimento	André de Paula	Ministro da Pesca e Aquicultura	Carlos Fávaro (PSD)	Deve disputar o Senado por Mato Grosso
Casa Civil	Miriam Belchior	Secretária-executiva da pasta	Rui Costa (PT)	Deve disputar o Senado pela Bahia
Cidades	Antonio Vladimir Moura Lima	Secretário-executivo da pasta	Jáder Filho (MDB)	Disputa vaga como deputado federal pelo Pará
Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar	Fernanda Machiaveli	Secretária-executiva da pasta	Paulo Teixeira (PT)	Disputa a reeleição como deputado federal por São Paulo
Direitos Humanos	Janine Mello	Secretária-executiva da pasta	Macaé Evaristo (PT)	Disputa a reeleição como deputada estadual em Minas Gerais
Empreendedorismo	Tadeu Alencar	Deputado Federal (PSB)	Márcio França (PSB)	Possível disputa pelo Senado por São Paulo
Esporte	Paulo Henrique Perna Cordeiro	Secretário nacional de Esporte Amador, Educação, Lazer e Inclusão Social	André Fufuca (PP)	Deve disputar o Senado pelo Maranhão; a Câmara também está na mira
Igualdade Racial	Rachel Barros de Oliveira	Secretária-executiva da pasta	Anielle Franco (PT)	Disputa vaga como deputada federal pelo Rio de Janeiro
Meio Ambiente	João Paulo Capobianco	Secretário-executivo da pasta	Marina Silva (Rede)	Possível disputa pelo Senado por São Paulo
Pesca e Aquicultura	Rivetla Edipo Cruz	Secretário-executivo da pasta	André de Paula	Assumiu como ministro da Agricultura
Planejamento e Orçamento	Bruno Moretti	Secretário de Análise Governamental da Casa Civil	Simone Tebet (PSB)	Disputa o Senado por São Paulo
Portos e Aeroportos	Tomé Barros Monteiro da Franca	Secretário-executivo da pasta	Sílvio Costa Filho (Republicanos)	Disputa a reeleição como deputado federal por Pernambuco
Povos Indígenas	Eloy Terena	Secretário-executivo da pasta	Sônia Guajajara (PSOL)	Disputa a reeleição como deputada federal por São Paulo
Relações Institucionais da Presidência	Marcelo Costa (interino)	Secretário-executivo da pasta	Gleisi Hoffmann (PT)	Disputa o Senado pelo Paraná

A situação nos estados

Confira quem renunciou de olho nas eleições e quem tentará mais um mandato eleitoral

	Quem	Situação
AC	Gladson Cameli (PP)	Em primeiro mandato; renunciou para concorrer ao Senado
AL	Paulo Dantas (MDB)	Cumprirá o mandato e apoiará Renan Filho (MDB) à sucessão
AP	Clécio Luís (União Brasil)	Concorrerá à reeleição
AM	Wilson Lima (União Brasil) e o vice Tadeu de Souza	Lima concorrerá ao Senado. Souza deve tentar vaga de deputado federal. Roberto Cidade (União Brasil), presidente da Assembleia Legislativa, assumiu; é candidato à reeleição
BA	Jerônimo Rodrigues (PT)	Concorrerá à reeleição
CE	Elmano de Freitas (PT)	Concorrerá à reeleição
DF	Ibaneis Rocha (MDB)	Concorrerá ao Senado. Celina Leão (PP) assumiu e será candidata à reeleição
ES	Renato Casagrande (PSB)	Concorrerá ao Senado. Ricardo Ferraço (MDB) assumiu e será candidato à reeleição
GO	Ronaldo Caiado (PSD)	Concorrerá à presidência da República. Daniel Vilela (MDB) assumiu e será candidato à reeleição
MA	Carlos Brandão (sem partido)	Cumprirá o segundo mandato e apoiará o sobrinho, Orleans Brandão (MDB), à sucessão
MT	Mauro Mendes (União Brasil)	Concorrerá ao Senado. Otaviano Pivetta (PP) assumiu e será candidato à reeleição
MS	Eduardo Riedel (PP)	Concorrerá à reeleição
MG	Romeu Zema (Novo)	É pré-candidato à presidência da República. Mateus Simões (PSD) assumiu o cargo e será candidato à reeleição
PA	Helder Barbalho (MDB)	Concorrerá ao Senado. Hana Ghassan (MDB) assumiu e será candidata à reeleição
PB	João Azevêdo (PSB)	Concorrerá ao Senado. Lucas Ribeiro (PP) assumiu e será candidato à reeleição
PR	Ratinho Júnior (PSD)	Cumprirá seu segundo mandato. Não definiu apoio à sucessão
PE	Raquel Lyra (PSD)	Concorrerá à reeleição
PI	Rafael Fonteles (PT)	Concorrerá à reeleição
RJ	Cláudio Castro (PL)	Renunciou e foi declarado inelegível pelo TSE. Apoiará o ex-secretário Douglas Ruas (PL) à sucessão
RN	Fátima Bezerra (PT)	Cumprirá seu segundo mandato. Apoiará o ex-secretário Cadu Xavier (PT) à sucessão
RS	Eduardo Leite (PSD)	Cumprirá o segundo mandato. Apoiará o vice-governador Gabriel Souza (MDB) à sucessão
RO	Marcos Rocha (PSD)	Cumprirá o segundo mandato; não definiu apoio à sucessão
RR	Antonio Denarium (PP)	Concorrerá ao Senado. Edilson Damião (MDB) assumiu e será candidato à sucessão
SC	Jorginho Mello (PL)	Concorrerá à reeleição
SP	Tarcísio de Freitas (Republicanos)	Concorrerá à reeleição
SE	Fábio Mitidieri (PSD)	Concorrerá à reeleição
TO	Wanderlei Barbosa (Republicanos)	Cumprirá seu segundo mandato. Apoiará a senadora Dorinha Seabra (União Brasil) à sucessão

é um dos pontos críticos do quadro eleitoral atual no campo progressista.

Ainda que em conjunturas antônimas, direita e esquerda passam por complicador conhecido, a polarização. Os postulantes Lula e Bolsonaro atraem não apenas os “votos positivos”, mas também os “negativos” — ou seja, a rejeição. A reprovação por um desses candidatos, leva alguns votantes a fazer uma escolha estratégica: se há risco real de que o lado rejeitado vença a eleição, ele faz um voto um pouco mais pragmático, no candidato com maior viabilidade de conter o que é rejeitado.

Pulverização não beneficia Lula

O consenso dos especialistas é de que a distribuição de candidaturas mais à direita não configura um cenário positivo para Lula. Ainda que sejam capazes de pulverizar votos no primeiro turno, no dia 4 de outubro, os postulantes serão um obstáculo em eventual segundo turno. Uma vez espalhadas no campo da oposição, as candidaturas terão Lula como principal alvo e tendem a harmonizar um coro de críticas nos debates, horários eleitorais, propagandas e discursos.

Diferentemente da corrida eleitoral anterior, em que os votos arrecadados pela “terceira via” de Simone Tebet (então no MDB) e Ciro Gomes (à época PDT e hoje PSDB) migraram para Lula, o segundo turno de 2026 representará um desafio para a base governista. “O esforço de comunicação da base vai ter de ser direto com o eleitor, porque uma costura de aliança com alguma das candidaturas atuais é praticamente inviável”, pondera Sanches.

Pouco antes do fim da janela partidária, as trocas de legendas em diferentes esferas de governabilidade Brasil afora configuraram um novo jogo de alianças. A movimentação consolidou o PL como a força dominante na Câmara dos Deputados, ultrapassando a marca dos cem parlamentares. Nos governos estaduais, em 10 das 27 unidades da federação, os eleitores viram os vice-governadores assumirem no lugar dos titulares em razão da desincompatibilização. Como em pleitos anteriores, o destino preferencial é o Senado Federal. Já no governo Lula, 17 ministros foram exonerados para disputar as eleições. **D**



Trump aceita cessar-fogo por duas semanas, mas Estreito de Ormuz precisa ser reaberto

KEVIN LAMARQUE/REUTERS

Do extermínio à trégua

Donald Trump ameaça de morte a população iraniana na manhã de terça e recua no mesmo dia ao aceitar uma proposta mediada pelo Paquistão. O retrato mexeu com bolsas e petróleo

No estilo errático já bem conhecido do presidente norte-americano Donald Trump, a semana se abriu com uma ameaça de extermínio à civilização iraniana – o que gerou forte reação de organizações como a ONU e até do Papa Leão XIV. Contudo, a gritaria tornou-se decisão de trégua no mesmo dia. Trump disse na manhã de terça, 7, que “uma civilização inteira” morreria naquela mesma noite se o Irã mantivesse fechado o Estreito de Ormuz, a questão problemática do ponto de vista econômico da guerra gerada pelos Estados Unidos e Israel contra o Irã. Mas uma proposta de cessar-fogo por parte do Paquistão mudou o cenário no mesmo dia – ao menos por ora.

Pontos controversos até esta quinta eram ainda e o enriquecimento de urânio pelo Irã e os ataques de Israel ao Líbano. Depois de conversar com os líderes paquistaneses do país mediador, Trump

concordou em suspender o bombardeio e os ataques planejados contra o Irã por um período de duas semanas. Com base nas discussões com o primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif, e seu marechal de campo Asim Munir, o republicano condicionou a trégua à aceitação, pela República Islâmica, de uma abertura completa, imediata e segura do Estreito de Ormuz. “Esse será um cessar-fogo de mão dupla”, disse o republicano em suas redes sociais, destacando que a proposta de dez pontos apresentada pelos paquistaneses serve como uma base viável para negociações futuras. Conversas seguirão nesta sexta-feira e sábado.

Em resposta, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Irã, Abbas Araqchi, informou por meio de nota oficial que seu país interromperá os ataques, desde que não sofra novas ofensivas ou ameaças. O chanceler garantiu que haverá trânsito seguro pelo Estreito de Ormuz

nas próximas duas semanas, em coordenação com as forças armadas iranianas e respeitando as restrições técnicas existentes no local.

O retrato mexeu com o preço do petróleo e ativos ao redor do mundo, como as bolsas europeias, que tiveram ganho de 3% somente na quarta-feira após o anúncio. Foi o maior avanço em um ano. Já o petróleo recuou de mais de US\$ 100 o barril para perto de US\$ 90 o barril na quarta, mas voltou a subir. A commodity é ponto crucial na guerra, já que 25% do volume exportado ao mundo saem do Golfo Pérsico via Estreito de Ormuz. O recuo estratégico dos Estados Unidos ocorre após um momento de tensão extrema. Na terça, Trump ameaçou acabar com uma civilização inteira caso os iranianos não reabrissem o canal marítimo. “Uma civilização inteira morrerá esta noite, para nunca mais ser ressuscitada”, de-



Cerca de 25% do petróleo exportado do Golfo Pérsico ao mundo sai via Estreito de Ormuz

migo sofreu uma derrota esmagadora. O republicano foi enfático ao sustentar que não haverá mais enriquecimento de urânio e que os Estados Unidos, em cooperação com o Irã, irão desenterrar e remover toda a 'poeira' nuclear acumulada em instalações subterrâneas.

Apesar do otimismo de Trump, as declarações levantaram dúvidas sobre a implementação prática do acordo perante a firmeza histórica do regime iraniano em seu programa atômico. O Pentágono, entretanto, mantém uma postura mais dura. Enquanto a Casa Branca fala em cooperação, o secretário de Defesa, Pete Hegseth, adotou um tom incisivo ao afirmar que o Irã deve entregar seu estoque de urânio enriquecido ou os Estados Unidos o tomarão.

Sem detalhar o modus operandi, Hegseth reiterou que os estoques estão sendo monitorados e sugeriu que novos bombardeios, como os realizados em junho do ano passado, permanecem como opção. "Sabemos o que eles têm e eles vão entregar. Se for preciso, faremos por todos os meios necessários", concluiu o chefe do Pentágono. **D**

DADO RUMVIC/REUTERS

clarou o presidente dos Estados Unidos em uma afirmação que gerou alertas sobre potenciais crimes de guerra e genocídio. Questionado nos jardins da Casa Branca, se tal ameaça violaria normas internacionais, o líder americano ignorou o jornalista.

Vale ressaltar que tratados como a Convenção de Genebra e a Convenção sobre Prevenção do Genocídio proíbem ataques contra infraestruturas e populações civis. Estima-se que a civilização persa possua cerca de três mil anos de história e vastas contribuições culturais à humanidade. Já nesta quarta-feira, 8, tanto Washington quanto Teerã declararam vitória após a consolidação da trégua. Em entrevista à AFP por telefone, Donald Trump classificou o desfecho como uma "vitória total e completa de 100%".

Trump disse ainda que a questão do urânio iraniano — que o Ocidente teme ser usado para fins bélicos — seria 'perfeitamente resolvida'. Do outro lado, o Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã declarou que o país alcançou um triunfo histórico, alegando que o ini-

Araqchi, ministro iraniano: interrupção de ataques desde que Irã não sofra ofensivas



RAMIL SITDIKOV/REUTERS

Dinheiro no mundo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional

Estados Unidos

Google atualiza Gemini após processo

O Google fez atualizações em recursos de seu chatbot de inteligência artificial, o Gemini, quando a empresa enfrenta processo pelo suicídio de um usuário. Um pai nos Estados Unidos processou a gigante tecnológica por considerar que a ferramenta incitou seu filho ao suicídio. O Gemini passa a exibir uma versão reformulada da função 'Há ajuda disponível': quando as conversas indicarem um possível estado de angústia mental, o chatbot oferecerá a opção de ligar para uma linha de apoio emergencial. O caso é o mais recente de uma onda de ações judiciais com o mesmo perfil contra empresas de IA. A OpenAI enfrenta vários deles.

Cuba

Um diálogo 'muito preliminar'

A conversa entre os governos de Cuba e dos Estados Unidos é a via para superar as crescentes tensões bilaterais, mas ainda se trata de um processo "muito preliminar", disse nesta semana à AFP a vice-ministra das Relações Exteriores de Cuba, Josefina Vidal. Ela foi figura central para o restabelecimento das relações entre os dois países em 2015. A relação entre Havana e Washington se deterioraram ainda mais desde o final de janeiro, quando o presidente americano Donald Trump impediu as exportações de petróleo para Cuba. O governo cubano confirmou em 13 de março a existência de diálogos com Washington para buscar soluções para o conflito.

Egito

Gás natural e petróleo à vista

O Egito, dependente de importações de combustível, anunciou nesta semana a descoberta de gás natural em sua costa. Estimativas preliminares apontam para cerca de dois trilhões de pés cúbicos de gás no campo de petróleo e gás de Temash, no Mediterrâneo Oriental, indicou a companhia italiana do setor energético ENI. A descoberta inclui 130 milhões de barris de petróleo. O país, vale lembrar, depende do Catar e de Israel para obter gás natural e sofre, portanto, consequências da guerra no Oriente Médio.

Índia

Menos açúcar, mais etanol?

Dúvida recente de quem opera commodities é se a Índia, o segundo maior produtor de açúcar do mundo, restringiria as exportações do produto para desviar matéria-prima à produção de etanol diante da interrupção do fornecimento de petróleo bruto, causada pela guerra no Oriente Médio. Mas o secretário de alimentos do país, Sanjeev Chopra, disse nesta semana que não há planos para a restrição – mesmo que o consumo de açúcar esteja abaixo da produção pelo segundo ano consecutivo devido à queda nas lavouras de cana. A Índia deve exportar 800 mil toneladas de açúcar no ano 2025/26 que termina em setembro.

Números da semana

80,4%

é o percentual de **famílias endividadadas** no Brasil em março. Trata-se do maior nível da série histórica elaborada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Em fevereiro eram 80,2%.



PROSTOCK-STUDIO/ENVATO

30 mil

peçoas devem **perder o cargo** na gigante de tecnologia **Oracle**, que iniciou rodada de demissões que vão acontecer ao longo das próximas semanas. A justificativa é o redirecionamento de US\$ 8 a US\$ 10 bilhões para a infraestrutura de inteligência artificial. Os primeiros cortes começaram nos Estados Unidos, Canadá, Índia e México. Desenvolvedores de software e analistas de sistemas são cargos que integram a lista.

US\$ 6,4 bi

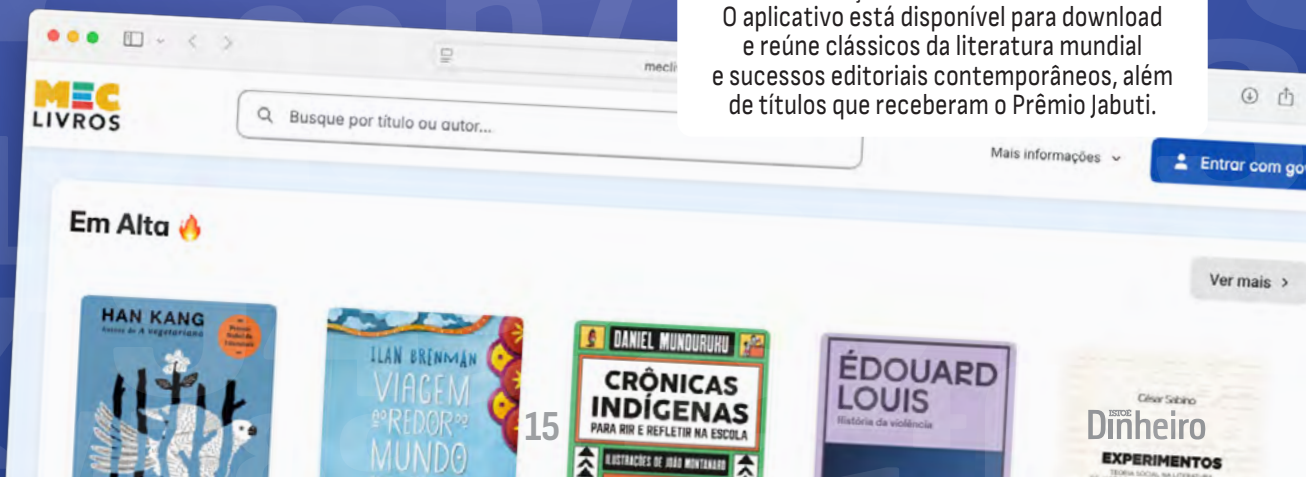
é o **saldo positivo da balança comercial** brasileira em março. O resultado, embora favorável, é 17% menor que há um ano devido à alta das importações. As vendas externas do país somaram US\$ 31,6 bilhões em março, com um crescimento de 10% impulsionado sobretudo pela compra de bens de consumo. A corrente comercial, ou seja a soma de exportações e importações, foi de US\$ 56,8 bilhões.

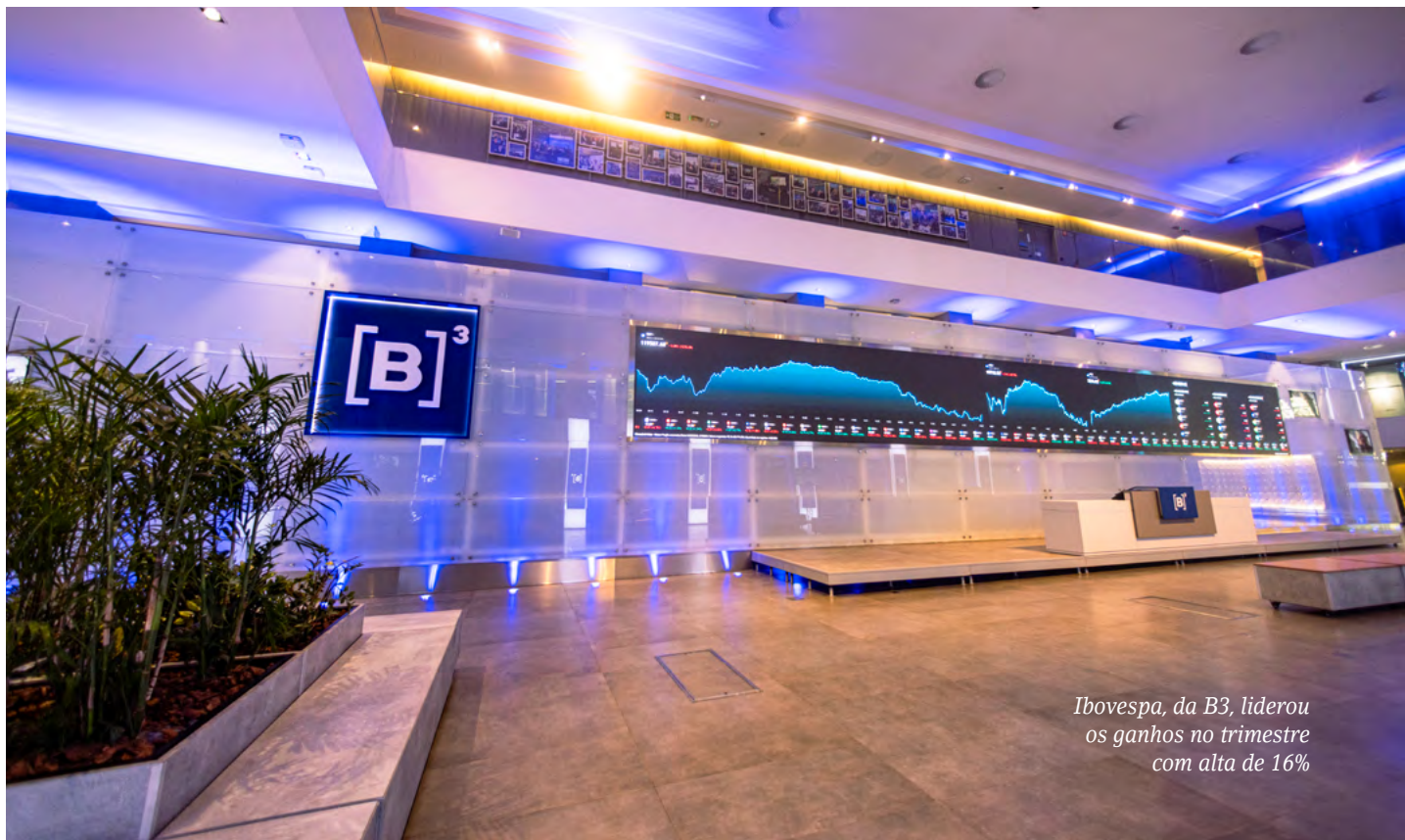
312 mil

credores do Will Bank, que pertencia ao conglomerado do banco Master e foi liquidado pelo Banco Central, integram a segunda fase do pagamento de garantias pelo Fundo Garantidor de Créditos (**FGC**) iniciada nesta semana. São pessoas com valores a receber entre R\$ 1 mil e R\$ 250 mil.

8 mil

obras estão disponíveis na **plataforma digital** do Ministério da Educação (MEC), recém-lançada e batizada **MEC Livros**. O aplicativo está disponível para download e reúne clássicos da literatura mundial e sucessos editoriais contemporâneos, além de títulos que receberam o Prêmio Jabuti.





LEANDRO MARTINS

Ibovespa, da B3, liderou os ganhos no trimestre com alta de 16%

Resiliência estrutural

Mesmo com a volatilidade dos mercados internacionais, sobretudo a partir de março, Ibovespa e indicador de dividendos se mostram resistentes

A pesar da turbulência internacional, fator que leva investidores a abandonarem ativos de risco (como bolsas de valores) rumo a ativos porto seguro (títulos de governos, ouro e tradicionalmente o dólar), o Ibovespa, principal índice da bolsa brasileira, a B3, destacou-se em valorização no balanço de ativos até março. O mercado financeiro do Brasil, aliás, encerrou o período consolidando uma trajetória de recuperação robusta mesmo em meio à fotografia global que inclui alta dose de volatilidade – e uma crise global de petróleo no horizonte.

Dividendos e ouro vêm em seguida no pódio de ganhos entre janeiro e março, com 15% e 7%, nessa ordem. Mas, observadas as variações de março, do

trimestre e em doze meses, a conjuntura ilustra um ambiente de forte seletividade. O fluxo de capital parece ter migrado de ativos puramente especulativos para aqueles com fundamentos tangíveis – o que não exclui empresas com caixa previsível e distribuição de ganhos. Em momentos de incerteza global exacerbada, o mercado tende a premiar a previsibilidade e a consistência, penalizando com intensidade o risco elevado. A avaliação é de Einar Rivero, CEO da consultoria Elos Ayta.

A leitura conjunta dos indicadores do levantamento elaborado pela consultoria revela cinco padrões fundamentais para o investidor em 2026. Primeiro, a força estrutural da bolsa brasileira, que sustenta ganhos expressivos no acumu-

lado anual apesar da volatilidade pontual de março. Segundo, a nítida preferência por qualidade e renda, personificada no desempenho do IDIV. Terceiro, a volatilidade extrema dos criptoativos, que alternam ‘esguichos’ de alta com quedas profundas. Quarto, a natureza não linear do ouro, que prova que mesmo ativos defensivos passam por correções severas. E, por fim, a estabilidade da renda fixa, onde o CDI e a poupança mantêm trajetórias consistentes e graduais.

O principal índice da B3, o Ibovespa, liderou os ganhos do trimestre. A alta acumulada foi de 16,35% entre janeiro e março. O desempenho é o mais expressivo para o período desde o quarto trimestre de 2020, quando o indicador avançou quase 26%. Com o resultado,



KUWAIT PETROLEUM CORPORATION

Principal vetor de instabilidade a partir de março é o petróleo devido à dificuldade de trânsito com a guerra no Oriente Médio

a B3 posiciona-se como o melhor investimento no acumulado deste ano e o segundo melhor na janela de doze meses encerrada em março, quando a valorização é de 44%, atrás do ouro. A performance doméstica ganha relevância diante de um ambiente externo marcado por volatilidade. “Trata-se de um movimento expressivo, ainda mais relevante quando se observa que ele ocorre em um ambiente de elevada incerteza internacional”, disse Einar Rivero, sócio-fundador da consultoria Elos Ayta, autora dos dados.

A busca por resiliência também impulsionou o Índice de Dividendos (IDIV) da B3, que subiu pouco mais de 15% no trimestre e marca o melhor desempenho trimestral do indicador desde o início de 2022, quando subiu quase 16%. Na análise de doze meses, o IDIV ocupa a terceira posição entre as aplicações mais rentáveis. Para Rivero, o fluxo evidencia uma migração de capital para empresas com geração de caixa previsível e distribuição consistente de proventos. Em março, contudo, com o andamento da guerra no Oriente Médio, a bolsa começou a sofrer. O otimismo do trimestre foi parcialmente freado no mês passado, quando o Ibovespa inverteu a tendência e figurou como o segundo pior investimento da lista de ativos observados, com recuo de 0,7% e o índice de dividendos recuou 0,23%.

Inversão de ativos

O comportamento dos preços a partir de março reflete o impacto do conflito

envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã, que alterou drasticamente a dinâmica dos mercados globais. O principal vetor de instabilidade foi o petróleo, cuja escalada de cotações pressionou as expectativas de inflação e forçou uma reprecificação nas políticas monetárias das principais economias. Esse cenário de aversão ao risco gerou movimentos distintos entre os ativos de proteção e os especulativos.

O ouro, tradicional porto seguro, que no ano passado já escalou em mais de uma ocasião, ainda lidera os ganhos quando é considerado o acumulado de doze meses. A alta é de pouco mais de 49%. Contudo, só em março, mesmo o ouro apresentou um revés inesperado: depois de subir 7% no trimestre, recuou

10% apenas no último mês, registrando o pior resultado do período. Especialistas atribuem o movimento a um ciclo de correção técnica e à realização de lucros depois de forte valorização.

Em contrapartida, o Bitcoin percorreu o caminho inverso. Após amargar o pior desempenho tanto no trimestre (-27%) quanto em doze meses (-26%), a criptomoeda ensaiou uma recuperação em março com alta de 3,7%. “Trata-se de um respiro técnico após perdas relevantes, mas ainda insuficiente para reverter a tendência negativa”, continua o sócio da Elos Ayta. O movimento reforça a sensibilidade extrema dos criptoativos a choques de liquidez e ao sentimento de risco dos investidores internacionais. **D**

FRANK HIERMANN/SVEN SIMON/AP

Ouro recuou um pouco em março, mas segue entre as principais escolhas





Investida no mercado financeiro é desdobramento dos planos de expansão regional

ROBERT MICHAEL/AP

Mais que rede social

Com foco em expansão da marca, a chinesa TikTok quer operar como fintech no Brasil e executivos se reúnem com presidente do Banco Central

A plataforma de mídia social TikTok, controlada pela gigante chinesa ByteDance, busca autorização do Banco Central (BC) para operar como fintech de pagamentos e crédito no país. A movimentação, confirmada por duas fontes com conhecimento direto do assunto à agência de notícias Reuters, foi feita há poucos dias e indica a intenção da companhia em expandir sua atuação para além do entretenimento. A intenção é consolidar um ecossistema financeiro dentro de sua interface.

O TikTok teria submetido dois pedidos de licença ao regulador brasileiro. O primeiro visa a autorização para atuar como instituição de pagamento emissora de moeda eletrônica. Na prática, a licença permitiria a oferta de contas pré-pagas, possibilitando que os usuários mantenham saldo, recebam recursos e realizem pagamentos diretamente pelo aplicativo. O segundo pedido busca a homologação como Sociedade de Cré-

dito Direto, modalidade de fintech que, embora não possa captar depósitos do público, está autorizada a realizar operações com capital próprio ou atuar como ponte entre tomadores e credores.

Caso as autorizações sejam concedidas, o TikTok passará a oferecer um conjunto de serviços financeiros básicos aos brasileiros, replicando uma estratégia de ecossistema digital popularizada pelo Nubank, atualmente a maior instituição financeira digital do país. Questionada sobre se a iniciativa visa a construção de um 'superaplicativo' financeiro ou apenas o suporte ao comércio eletrônico e monetização interna, a empresa não comentou. O BC também não se pronunciou.

A agenda pública do presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, registrou uma reunião em Brasília em 31 de março com executivos da ByteDance, incluindo o chefe global de pagamentos, Liao Baohua. O movimento guarda

semelhanças com o histórico da companhia na China, onde lançou o Douyin Pay em 2021 para apoiar o e-commerce de sua versão local, competindo com gigantes como Alipay e WeChat Pay. Em 2023, a empresa tentou obter licença similar na Indonésia, mas enfrentou restrições regulatórias que a forçaram a operar por meio de parcerias locais.

A investida no mercado financeiro do Brasil é um desdobramento dos planos de expansão regional da marca. No fim do ano passado, a ByteDance anunciou um investimento superior a R\$ 180 bilhões para a construção de um data center no país, reconhecido globalmente pela alta penetração de redes sociais. Dados da consultoria DataReportal indicam que o TikTok encerrou 2025 com 131 milhões de usuários com 18 anos ou mais no Brasil, com seus anúncios alcançando 80% da população adulta, o que representa uma base de clientes potencial de proporções inéditas para uma nova operação de crédito. **D**

Já nos Estados Unidos...

Enquanto busca avançar no Brasil, a chinesa ByteDance, controladora do TikTok, se concentra em passar o bastão do controle para os parceiros da joint venture formada nos Estados Unidos. A companhia chinesa aceitou o novo modelo de negócios para seguir operando no mercado norte-americano. Em janeiro, o TikTok anunciou a formação da nova estrutura formada com um grupo de grandes investidores, e encerrou anos de incerteza regulatória sobre o futuro da plataforma no país. O acordo envolve a Oracle, a gestora Silver Lake e a companhia de investimentos dos Emirados Árabes Unidos MGX. O movimento teve início no próprio governo americano, que afirma como objetivo estar de olho na "segurança nacional" ao proteger os dados da população norte-americana do acesso da companhia chinesa.



Setor espera aumento médio de 10% sobre os 14 milhões de aparelhos vendidos em 2025

Gigantes e conectados

As mudanças de hábito no consumo de conteúdo audiovisual provocaram uma virada radical na estratégia dos fabricantes globais de televisores, que oferecem uma leva de novidades às vésperas da Copa do Mundo

Bruno Pavan e Érica Polo

Desde os primórdios das transmissões ao vivo dos jogos de futebol, anos de Copa do Mundo são vistos como uma oportunidade imperdível para os fabricantes de televisores. Em 2026 não é diferente, com a aproximação do torneio que será disputada de forma inédita em três países diferentes – Estados Unidos, Canadá e México. Este ano, entretanto, há um componente extra: a indústria se vê em meio a contexto de radical transformação no consumo de conteúdo audiovisual pelos espectadores. A preferência pela telinha (de smartphones) provocou um impacto considerável na estratégia de negócios das fabricantes de aparelhos de televisão, inclusive daquelas que atuam em

ambos segmentos – ou seja, telonas e telinhas – como é o caso da coreana Samsung. Trata-se de uma indústria que se reconfigurou.

Pulverizadas mundo afora, além da Samsung e da também coreana LG, as chinesas TCL e Hisense, e a norte-americana Vizio, do Walmart, estão entre as gigantes que investem pesado em tecnologia, sobretudo em era de inteligência artificial (IA), para conquistar um mercado bilionário. Em apenas sete anos, o consumo de audiovisual passou por uma mudança estrutural. A visualização diária de conteúdo por meio de aparelhos televisores mundo afora, seja para assistir à TV linear ou conectada, caiu de 61% de participação no início de

2017 para 48% ao final de 2024, de acordo com a consultoria britânica Ampere Analysis. Enquanto isso, a visualização por meio de celulares quase dobrou no mesmo período, de 11% a 21%. Foi a primeira vez que o aparelho de TV deixou de representar a maioria absoluta do tempo de tela dos usuários, disse a Ampere. Mas a queda na dominância dos televisores, e a ascensão dos dispositivos móveis, não sugere que o televisor será deixado de lado. Pelo contrário.

Ele está sendo “ressignificado” no dia a dia das pessoas. Tanto é que a curva de tempo assistido na telona parou de cair e iniciou recuperação devido à mudança na natureza de consumo, diz a mesma consultoria. Mais do que uma



Indústria planeja investir R\$ 5 bilhões em mais polegadas e recursos de IA

FREEPIK

disputa entre dispositivos, o que se vive no mundo, e no Brasil, é uma era de complementaridade multitela. Se o celular domina a atenção constante por meio de conteúdo rápido – os Reels e vídeos do TikTok –, o televisor é uma espécie de nova experiência de cinema. Não à toa, as gigantes de televisores apostam em dois caminhos para fisgar o brasileiro: telas bem maiores e integração com o celular e ferramentas de inteligência artificial, que complementam a busca do consumidor por qualidade de imagem. Os aportes setoriais em tecnologia chegam a R\$ 5 bilhões em 2026, alta de quase 10% em um ano.

Ao redefinir a forma de utilizar os aparelhos, muda o papel da telona em casa. O “ato de ligar a TV” não está mais conectado apenas ao consumo de uma programação já montada, mas à possibilidade de escolha sobre o que assistir permitido pela tecnologia disponível – o que altera toda a experiência, e define para onde vão os investimentos das gigantes da indústria. “A TV é agora o destino preferencial para grandes eventos e momentos de alta atenção. É nela que o público se reúne para assistir ao futebol ao vivo, acompanhando desde o jogo até os bastidores e mesas redondas; é onde mergulha em novas formas de entretenimento, como as novelas e filmes; e é também o espaço para rituais de fé”, disse Victor Machado, head de parcerias de TV, filme e esportes do

YouTube Brasil, à IstoÉ Dinheiro. Nesse contexto, o smartphone é dominante na hora de consumir conteúdos nas redes sociais, mas para outros tipos de produtos audiovisuais, como alguns vídeos, filmes e a própria experiência de assistir a um jogo da Copa do Mundo, as pessoas ainda preferem a tela grande. As televisões conectadas (CTVs), que permitem assistir ao conteúdo disponível na internet além do tradicional sinal de emissoras de TV, ultrapassaram os smartphones e se tornaram a principal tela de consumo de Youtube no Brasil no ano passado. A participação de audiência do YouTube em CTV para maiores de 18 anos em uma amostra de 5,7 mil domicílios saltou de 41% para 53% em apenas três anos, conforme a Kantar Ibope Media. Foram considerados dispositivos de TVs, CTVs, celulares, computadores e tablets.

Olhando para a fotografia, a Samsung, líder de mercado em Smart TVs no Brasil, aposta em telas grandes – ou gigantes – para esta edição da Copa do Mundo. O gerente de produtos de TV da companhia, Alexandre Gleb, disse que, em 2025, um quarto dos aparelhos vendidos globalmente são maiores de 65 polegadas. “Isso está acontecendo graças ao avanço tecnológico. Com as novas tecnologias de imagem, uma televisão maior do que 65 polegadas pode ser colocada em uma sala pequena sem que a imagem fique distorcida para quem es-

tá muito próximo dela”, explica. A TCL e a LG identificam o mesmo movimento. O vice-presidente de vendas da LG Brasil, Rodrigo Fiani, projeta que o aumento de até 30% nas vendas previsto para 2026 será baseado em aparelhos maiores de 50 polegadas. Nikolas Corbacho, gerente sênior de produto da TCL SEMP, joint venture brasileira entre a chinesa e a SEMP, explica que a média no tamanho das TVs vendidas em ano de Copa sobe em média 1 polegada em relação aos anos anteriores.

A expectativa é que as vendas aumentem, em média, 10% em 2026 considerado o mercado brasileiro total, indica a Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletros). A variação é significativa se observada a oscilação vista em 2025, quando foram vendidos 14 milhões de aparelhos e houve um aumento de 3% em relação a 2024. O valor setorial impressiona: eletroeletrônicos, universo do qual os televisores são carro-chefe, rendeu R\$ 270 bilhões no ano passado, dado de outro representante industrial, a Abinee.

A Copa do YouTube e as novas tecnologias

Uma evidência da mudança no universo de conteúdo e negócios relacionados é a própria plataforma principal de transmissão nesta edição da Copa do Mundo. O torneio terá maior número de times, que subiu de 36 para 48, e por-



Venda de TVs cresce ao final do ano devido à Black Friday, mas Copa inverte o retrato

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

tanto mais jogos, de 64 partidas na anterior para 104. E quem quiser assistir a todas elas precisará acessar o YouTube, já que a Cazé TV será a única emissora a transmitir todos os jogos. Para isso, as companhias estão apostando em uma integração mais rápida das Smart TVs com aplicativos de streaming.

É que o público não quer mais ter o trabalho de acessar lojas virtuais para baixar essas plataformas. “A expectativa central é que o sistema já traga tudo pronto para o acesso”, apontou Fiani, da LG. Uma das saídas é aumentar a integração entre o celular e os aparelhos de TV. A TCL, que usa sistema operacional da Google em suas TVs, oferece o espelhamento do celular na TV de forma mais rápida.

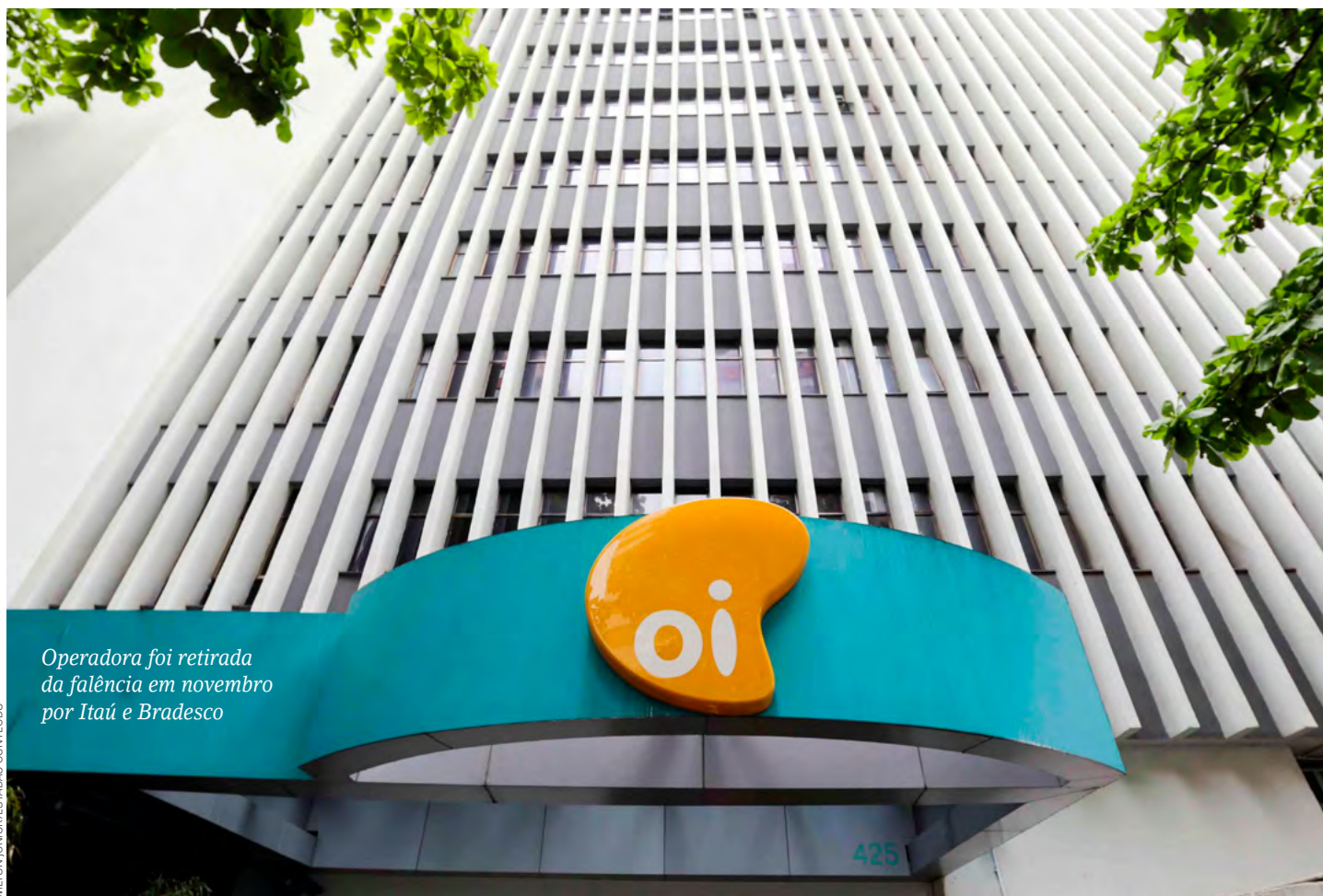
Outra aposta das fabricantes é a chamada segunda tela, que virou padrão do brasileiro durante os jogos de futebol. Enquanto assistem ao jogo na tela grande, muitos telespectadores respondem aos amigos via WhatsApp ou pesquisam sobre escalções ou curiosidades da partida ao mesmo tem-

Tendência de compra se inverte

Via de regra, a compra de SmartTVs acontece em maior volume ao final de cada ano por conta da Black Friday. Mas em 2026 isso deve se inverter. Como a Copa do Mundo em 2026 foi marcada para a metade do ano, 50% das vendas devem ocorrer no primeiro semestre, principalmente na semana do consumidor e no Dia das Mães. Difere da edição anterior do torneio, em 2022 no Catar, realizada em novembro e dezembro. As vendas no segundo trimestre de 2026 podem aumentar até 20% na comparação com o ano passado. É que o consumidor vai se empolgando conforme a seleção brasileira avança. Neste caso, a compra pode acontecer até o mês de julho, dizem executivos setoriais.

po. Pensando nisso, as duas marcas ouvidas pela IstoÉ Dinheiro apostam em uma integração mais fácil da TV com outros aparelhos. A Samsung investe no espelhamento direto do smartphone na TV. Alguns modelos da marca, ademais, contam com a tecnologia multitela, que permite dividir a visualização em até quatro conteúdos diferentes. “Você consegue deixar a TV rolando, assistindo jogos ao vivo, e o seu celular espelhado ao lado numa outra configuração de tamanho na tela. Através de um teclado pareado à TV a pessoa pode escrever suas respostas”, detalha Gleb.

Fora do mercado de smartphones e pensando em conexão mais ampla entre aparelhos, a tática da LG é no sistema Web OS, que além de contar com pesquisa por voz, permite que o usuário conecte e controle todos os eletroeletrônicos na casa, como geladeira e ar-condicionado. O consumidor também pode fazer da TV o centro de comando que se comunica com todo o ecossistema da casa, conectando o celular à televisão e a televisão a outros aparelhos. **D**



Operadora foi retirada da falência em novembro por Itaú e Bradesco

WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO

Sem desfecho

Em recuperação judicial e com ex-controladores sob investigação, Oi vende V.tal, ativo de infraestrutura de telecom, para o BTG por R\$ 4,5 bilhões

A Oi, puxada da falência por credores (um fato inusitado no Brasil) ao final do ano passado, passou para frente um de seus ativos há poucos dias – mesmo que a operadora afirme que a venda tenha ocorrido por valor inferior ao definido em edital. Um tribunal do Rio de Janeiro autorizou a proposta do BTG Pactual, no valor de R\$ 4,5 bilhões, para a aquisição da totalidade da participação detida pela Oi na V.tal, uma companhia de infraestrutura de telecomunicações. A informação foi confirmada pela operadora por meio de fato relevante.

O comunicado da Oi informa que o juízo da recuperação judicial (RJ) considerou que a oferta apresentada possui caráter vinculante. Isso quer dizer que uma eventual retirada da proposta por parte do BTG implicará a incidência de uma multa equivalente a 50% do valor total da transação.

A decisão da 7ª Vara Empresarial estabeleceu ainda que o banco está impedido de realizar a abertura de capital, o chamado IPO (oferta pública inicial, em inglês), da V.tal pelo prazo de 24 meses. Em março, a operadora brasileira, que

já foi a maior do país, havia relatado ao mercado o recebimento de apenas uma proposta pela sua fatia na companhia de infraestrutura de telecomunicações, e destacou à época que o valor ofertado pela participação estava abaixo do mínimo definido em edital.

Logo no segundo mês deste ano, a companhia obteve outra decisão com o fim de desatar nós em meio a seu processo de RJ. A Justiça acatou o pedido da Oi e determinou o arresto de todos os créditos contra a operadora que estão em posse de fundos estrangeiros repre-



BTG não poderá abrir o capital da empresa adquirida por dois anos

DIVULGAÇÃO

sentados pelas gestoras Pimco, SC Lowy e Ashmore, que atuaram como acionistas controladoras da companhia até meados de 2025.

A decisão de apreensão dos bens abrange todos os títulos de dívidas, os chamados bonds, dentro e fora do processo de recuperação judicial, além das garantias a eles vinculadas. Na prática, isso significa que a operadora convenceu a Justiça a 'congelar' o dinheiro que ela mesma deve a esse grupo específico de credores, investigados por abuso de po-

der enquanto geriam a Oi. A determinação partiu da juíza Simone Chevrand, da 7ª Vara Empresarial do Rio de Janeiro, e o processo, em segredo de Justiça, foi acionado no início deste ano pelo Estadão.

A Oi sustenta a tese de que esses fundos teriam exercido poder de controle ou influência de modo abusivo para favorecer interesses próprios, em detrimento dos demais credores do grupo. As gestoras passaram a deter 58% das ações da operadora em troca de parte da dívida, conforme previsto no plano de recupe-

ração aprovado em assembleia. Após assumirem o controle, os fundos elegeram um novo conselho de administração e contrataram uma diretoria executiva. Os executivos que assumiram o comando na ocasião eram sócios da Íntegra, consultoria que já possuía histórico de atuação com os fundos. Na sequência, Pimco, SC Lowy e Ashmore estabeleceram bônus de até US\$ 12,5 milhões para a diretoria e o conselho, condicionados ao êxito no pagamento das dívidas remanescentes devidas aos próprios fundos. **D**

Histórico recente

A Oi chegou a ter a falência decretada pela 7ª Vara Empresarial do Rio em 10 de novembro do ano passado, decisão posteriormente revertida pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro após recurso de dois bancos credores, Itaú e Bradesco. Na mesma ocasião, a desembargadora Mônica Maria Costa di Piero determinou que fosse apurada a responsabilidade dos credores na crise financeira da companhia. A empresa acumula dois processos de recuperação judicial (RJ).

Via de regra, no Brasil, quando a empresa volta à RJ após recorrer à Justiça é obra dela mesma — não dos que esperam dela receber, disseram especialistas consultados pela IstoÉ Dinheiro ao final do ano passado. O pedido de suspensão da

falência partiu do Itaú Unibanco. Endossada pelo Bradesco, a solicitação foi aceita pela desembargadora Mônica Costa, da Primeira Câmara do Direito Privado do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ), no dia 14 de novembro, apenas quatro dias depois da sentença que havia enterrado de vez a operadora. Os dois bancos são credores quirografários, ou seja, aqueles que vão para o final da fila quando uma empresa está falida.

Em uma falência, a fila de recebimento é encabeçada por trabalhadores (dívidas trabalhistas), seguidos por credores com garantia real (por exemplo, hipotecas), os tributários (municípios, estados e a União) e, por fim, os quirografários. Ficam de fora os empréstimos que tenham sido feitos após o início da recuperação judicial. A

empresa devia algo em torno de R\$ 2,066 bilhões ao Itaú, e R\$ 471 milhões ao Bradesco ao final do ano. Os dados são de relatório da assembleia de credores. Ao final do segundo trimestre de 2025, a dívida líquida da Oi somava R\$ 10 bilhões, dado disponível em balanço mais recente disponível pela operadora.

Mas não é só o fator dívida que conta para trazer a empresa de volta à recuperação judicial. No recurso que a Justiça aceitou, o Itaú argumentou que a Oi ainda não havia se desfeito de ativos importantes durante o período de RJ e que a falência, à época, geraria prejuízos mais graves não só aos credores, já que afetaria também "o interesse público", visto que a telecom ainda presta serviços essenciais.

Uma nova etapa

Como a DPZ, a “mãe das agências” publicitárias, se reconstruiu cinco anos depois de perder seus maiores clientes

Matheus Almeida

Agência DPZ, uma das mais icônicas da publicidade brasileira, ressurgiu após superar um período dramático motivado pela perda de alguns de seus maiores clientes. Em 2021, houve um processo de cisão, com o então CEO, Eduardo Simon, deixando o cargo para abrir seu próprio negócio e levando junto marcas com verbas vultosas e parte da equipe, movimento que abalou as estruturas da emblemática empresa. Hoje, com novos clientes, entre eles, Grupo Campari, XP, Eli Lilly, L'Oréal e Sportingbet, e crescimento regular, voltou a se destacar no setor.

No ano da cisão, a queda no faturamento foi brutal – no mercado, corria o burburinho de que a DPZ, a “mãe de todas as agências”, como era chamada, iria fechar as portas. No ano seguinte, os números continuaram negativos. O cenário melhorou a partir de 2023, quando a receita subiu 48%, segundo a

empresa. O ritmo positivo se manteve em 2024 (31,5%) e em 2025 (24,5%). Parte da recuperação se deve à manutenção de clientes como Electrolux, Ypê, Pizza Hut e Renault.

Agora, passados esses cinco anos de ajustes, foi retomado o patamar de 2021 (antes da cisão), segundo a agência. A DPZ, que faz parte do Grupo Publicis, de origem francesa, desde 2011, não informa faturamento.

No ranking das 50 maiores agências divulgado no ano passado, pelo veículo especializado Meio & Mensagem, com dados referentes a 2024, a empresa figurou entre as que movimentaram, em média, R\$ 939 milhões em compra de mídia para veiculação de campanhas dos clientes.

Para conduzir a transição após a ruptura, o então chefe de operações da DPZ, Fernando Diniz, assumiu como CEO. Jornalista e historiador, ele inves-

tiu em uma mudança de cultura interna, reconfigurando a empresa para formar um ambiente mais transparente. Outras medidas foram a ampliação da representatividade negra para cerca de 30% dos trabalhadores, e a inclusão de uma mulher negra no Conselho, a executiva Rejane Romano.

No mesmo ano, Diniz convidou o diretor de arte e empresário Benjamin Yung Junior para dividir o comando da agência – o período com dois co-CEOs perdurou até o fim de 2024. Yung descreve a DPZ hoje como mais horizontal e ágil. “É a mesma essência criativa, mas uma nova energia, um novo jeito de trabalhar, novos processos”, diz. Ele destaca ainda o uso de um robusto banco de dados com inteligência artificial (IA) para analisar audiência e direcionar a comunicação dos seus clientes da melhor forma possível, vantagem disponibilizada pela Publicis.

Atualmente, Yung comanda a empresa sozinho. Com o sucesso da transformação cultural, a Publicis alocou Diniz para ser CEO de outra empresa do grupo, a Leo Burnett. Ele deixou o cargo em dezembro de 2024.

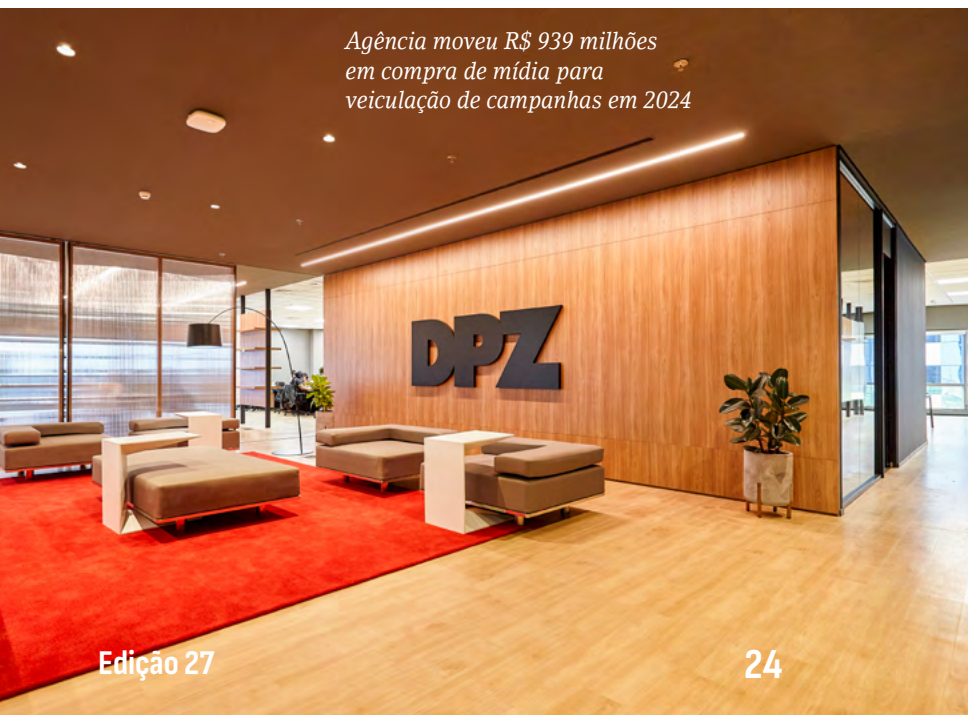
Para Yung, a nova fase está marcada por vitórias em concorrências disputadas, nos dois últimos anos, como as conquistadas das contas de Sportingbet, Petra, Grupo Campari, XP, Lilly e Mars. “O pipeline robusto reforça a confiança do mercado”. Outro aspecto que ele ressalta da retomada da DPZ é que a agência ajudou algumas marcas a assumirem a liderança de segmentos. Yung mencionou a Electrolux, no setor de eletrodomésticos no Brasil, e a Tixan Ypê, que em 2025 superou Omo como sabão em pó mais vendido no país.

História repetida

A saída de Simon, que levou as contas de Itaú, Natura e McDonald's, não foi o primeiro movimento de ruptura que tirou a agência do prumo. Fundada em 1968 por Roberto Duailibi, Francesc Petit e José Zaragoza, cujas iniciais dos sobrenomes batizaram a agência, a DPZ é considerada um berço criativo. Foi lá que o aclamado Washington Olivetto, considerado um dos maiores gênios do ramo internacionalmente, começou sua carreira e permaneceu por 14 anos até 1986, quando deixou a casa com clien-

Agência moveu R\$ 939 milhões em compra de mídia para veiculação de campanhas em 2024

DIVULGAÇÃO





FOTOS DIVULGAÇÃO

Fernando Diniz e Benjamin Yung, atual CEO: reconfiguração para uma nova fase

tes e parte do time para criar a W/GGK (rebatizada depois como W/Brasil e, em 2010, como W/McCann após fusão com a estadunidense McCann Erickson).

Outras lendas do ramo passaram pela agência, como Marcello Serpa (ex-sócio da AlmapBBDO) e Nizan Guanaes (ex-sócio da DM9). A DPZ criou personagens de propagandas icônicas, como o Garoto Bombril, o Leão da Receita Federal, o frango da Sadia e o Baixinho da Kaiser. E essa base é reconhecida até hoje.

Assim como Olivetto, Simon levou para sua nova agência, a Galeria, contas de volumes financeiros robustos, mas não foi apenas esse lado que pegou para a DPZ. O Itaú era um cliente tão antigo na casa que uma parte da história da marca está ligada à empresa fundada por Duailibi, Petit e Zaragoza. A cor laranja, por exemplo, foi uma estratégia desenvolvida pela agência para destacar o banco no cenário urbano acinzentado.

Olivetto, na época, anunciou sua saída repentinamente e seguiu para falar com a imprensa sobre seus novos projetos. Simon buscou o Grupo Publicis para negociar seu desligamento. “Acho que a gente conseguiu, por um lado, preservar a DPZ, deixando lá contas importantes que a gente havia conquistado. Criamos um negócio novo que levou como herança a história da DPZ”, afirma Simon.

O fato de fazer parte de uma holding internacional, na análise de Emmanuel Publio Dias, professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ES-PM), contribuiu para a saída de parte

dos profissionais da casa para a Galeria. “Não estou fazendo juízo de valor do trabalho ou das políticas da Publicis, mas obviamente você ter de responder a um acionista majoritário provoca a saída de profissionais que querem se manter independentes”, diz Dias.

A gestão da Publicis conseguiu, no entanto, alavancar a DPZ para o século digital. Antes mesmo da cisão, Fernando Diniz, ainda como chefe de operações, transformou a agência de uma empresa focada em mídias tradicionais para uma unidade criativa apta a operar na internet. A holding desenvolveu ferramentas próprias que permitem acelerar projetos com a ajuda de operações de várias partes do mundo.

A mudança do mercado

Com um modelo de várias unidades independentes e com distintos focos no mercado de comunicação, a Galeria é apontada pelo jornalista e empresário Pyr Marcondes, autor de “História Da Propaganda Brasileira”, como “o mais bem acabado hoje na publicidade brasileira”.

Marcondes acredita, no entanto, que nenhuma agência hoje alcançaria a força da DPZ durante suas primeiras décadas, e particularmente na fase áurea em que Washington Olivetto atuava como dupla criativa de Francesc Petit. Na sua visão, o mercado publicitário como um todo – e não apenas no Brasil – não se adaptou à chegada da internet e às disrupções provocadas pelo avanço do digital no cotidiano das pessoas. Assim, a propaganda acabou por perder relevância.

Surgiram agências nascidas no digital. “Elas sabem fazer outro tipo de publicidade, que funciona. É propaganda da performance, de anunciar no Google e no Facebook, extrair o maior número de likes, de views, de conversão”, analisa Marcondes. “Eu não acho que seja desnecessário. É importante. Porém elas não são tão criativas”.

A DPZ mantém seu posicionamento – cunhado desde os tempos dos fundadores – que coloca a criatividade no centro do negócio. “Hoje, as marcas chegam na DPZ porque elas querem ser marcas amadas e relevantes culturalmente. Querem ser líderes na sua categoria”, reforça Gabriela Onofre, CEO do Grupo Publicis. **D**

José Zaragoza, Roberto Duailibi e Francesc Petit, os fundadores da DPZ



FOTOS DIVULGAÇÃO

Os fiscais financeiros

Regra do governo federal válida a partir de abril determina que bancos passem a verificar se candidatos a empréstimos rurais têm áreas desmatadas

O governo federal recrutou um novo aliado na batalha para proteger as florestas tropicais: o setor bancário. Uma nova regra, que entrou em vigor no início de abril, estabelece que os bancos devem verificar se os candidatos a empréstimos rurais possuem áreas desmatadas em suas propriedades por meio de ferramentas governamentais que utilizam imagens de satélite. A medida representa uma mudança profunda na fiscalização ambiental, transferindo parte da responsabilidade de monitoramento para as instituições financeiras.

Caso os gerentes de banco identifiquem qualquer supressão de vegetação ocorrida após julho de 2019 na Amazônia ou em biomas florestais, os agricultores que solicitarem crédito rural com subsídio governamental serão obrigados

a apresentar licenças de desmatamento válidas para que os recursos sejam liberados. André Lima, que lidera as estratégias de combate ao desmatamento no Ministério do Meio Ambiente, disse que a iniciativa transforma efetivamente cada gerente de banco de crédito público em um fiscal contra o desmate ilegal no país.

A nova política, entretanto, gerou forte reação negativa no setor do agronegócio, cuja musculatura econômica e crescente oposição ao Palácio do Planalto podem ter reflexos diretos nas eleições de outubro, informa a Reuters. O embate interno no governo ficou evidente quando o próprio Ministério da Agricultura defendeu a suspensão da regra no final do ano passado. Por outro lado, os defensores da norma sustentam que o arsenal contra o crime ambiental

precisa de instrumentos financeiros, uma vez que a fiscalização presencial em campo tornou-se um desafio logístico e de segurança cada vez maior. O objetivo central é asfixiar economicamente os infratores ao reter bilhões de reais em crédito público subsidiado.

O impacto no mercado financeiro é expressivo. De acordo com uma análise do Climate Policy Initiative, centro de estudos sediado no Rio de Janeiro, cerca de 17% de todos os empréstimos rurais desembolsados entre 2020 e 2024 foram destinados a fazendas situadas em terras desmatadas no mesmo período. A nova regulação alcança um montante de aproximadamente R\$ 278 bilhões em empréstimos com juros controlados e equalização do Tesouro Nacional, o que representa pouco mais de um terço de

Nova política gerou reação negativa do agro, mas foi bem recebida pelos bancos



Lima, do Meio Ambiente: gerentes de crédito se tornam fiscais



PAULA RAÍZA/IBAMA

todo o crédito rural disponível no Brasil, conforme dados do Banco Central (BC).

Além do crédito direto, a medida afeta as LCA (Letras de Crédito do Agronegócio), ativos que ganharam popularidade entre investidores individuais por oferecerem isenção de imposto de renda e que, por isso, carregam uma forma de subvenção pública. Em 2025, o estoque total investido em LCAs atingiu a marca de R\$ 600 bilhões. Como metade dos recursos captados por esses instrumentos deve ser obrigatoriamente direcionada ao financiamento do campo, esse capital agora também passará pelo crivo da checagem ambiental. Para Juliano Assunção, diretor executivo do Climate Policy Initiative, o movimento sinaliza ao mercado que o sistema financeiro não será mais um parceiro de atividades predatórias.

A implementação da regra reflete o compromisso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva com a promessa internacional de zerar o desmatamento no país até 2030, uma meta considerada ambi-

ciosa para um país que ainda registra as maiores perdas de florestas tropicais do globo. O cronograma de aplicação da norma estabelece que propriedades maiores, com mais de quatro módulos fiscais, devem se adequar imediatamente, enquanto o prazo para todos os demais requerentes expira em janeiro do próximo ano.

Entre os produtores rurais, o temor é de que o acesso ao crédito se torne mais restrito, especialmente em estados de forte expansão da fronteira agrícola como Mato Grosso e Goiás. A política inclui ainda uma cláusula rigorosa que bloqueia o crédito subsidiado mesmo para fazendas que possuam autorização legal de desmate. A lógica apresentada por André Lima é direta: o produtor mantém o direito de desmatar dentro da legalidade, mas deverá fazê-lo com recursos próprios, e não com dinheiro público.

O conflito deve se estender ao Congresso Nacional. A Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária, principal grupo de pressão do agro, já anunciou

que trabalhará para reverter a regra por meio da bancada ruralista. A entidade argumenta que as ferramentas de satélite, como o sistema Prodes, podem apresentar falhas técnicas e que a nova política transfere aos bancos obrigações que não lhes competem. Todavia, estudos acadêmicos realizados entre 2019 e 2021 atestam que o Prodes possui 93% de precisão e que, quando erra, tende a ignorar o desmate em vez de apontar falsos positivos.

Diferente dos produtores, o setor bancário demonstrou alinhamento com o governo. A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) afirmou que as medidas reforçam os compromissos de sustentabilidade das instituições. Nos bastidores, executivos de grandes bancos avaliam que a norma reduz o risco de inadimplência, pois agricultores com problemas ambientais correm maior risco de serem bloqueados em cadeias de suprimentos globais, o que compromete a capacidade de pagamento das dívidas. **D**



Moratória da soja: pacto de 2006 visa evitar os avanços de lavouras de grãos à floresta Amazônica, como no limite de Brasnorte, em Mato Grosso

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

Em rota de colisão

Acordo conhecido como Moratória da Soja e leis estaduais de Mato Grosso e Rondônia geram confusão, e STF marca audiência de conciliação entre setor produtivo, tradings e ambientalistas

O Supremo Tribunal Federal (STF) agendou para 16 de abril a primeira audiência de conciliação destinada a mediar o impasse sobre a Moratória da Soja e as legislações de estados produtores do grão que estão em rota de colisão, fato que criou imbróglio envolvendo produtores de grãos, tradings

e ambientalistas. No centro da disputa estão leis de Mato Grosso e de Rondônia que proíbem a concessão de incentivos fiscais a empresas que participem de acordos privados (como o da Moratória da Soja) com exigências ambientais mais rigorosas do que a legislação federal. A Moratória da Soja é um pacto

firmado em 2006 pelo qual as tradings se comprometem a não adquirir o grão produzido em áreas do bioma Amazônia desmatadas após julho de 2008. O mecanismo surgiu como resposta à pressão de varejistas internacionais, após o Greenpeace identificar o avanço da cultura sobre florestas preservadas. Desde a implementação da medida, a expansão da soja em áreas recém-desmatadas na região caiu de 30% para menos de 4%, de acordo com dados defendidos por organizações ambientais.

O conflito atual escalou com a aprovação de uma lei em Mato Grosso que



Produção de soja cresce, e sustenta demanda por óleo usado para o biodiesel

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

pune, via retirada de benefícios tributários, as empresas que aderirem a restrições ambientais além do que prevê o Código Florestal. Diante do novo cenário legislativo no principal estado produtor do país, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) se viu em uma encruzilhada jurídica e econômica, iniciando um processo de desfiliação de empresas do acordo para evitar perdas fiscais, movimento consolidado em 16 de fevereiro.

A reação foi imediata e multifacetada. Enquanto varejistas europeus exigem garantias de sustentabilidade das tradings, entidades do agronegócio intensificam as críticas ao acordo. Os produtores alegam que a moratória restringe a exploração de áreas onde o desmate seria legalmente autorizado, estimando um prejuízo de R\$ 4 bilhões entre os anos de 2018 e 2020. Diante da complexidade do tema e do risco de uma judicialização em massa envolvendo produtores e empresas exportadoras, o plenário do Supremo Tribunal Federal optou

pela via da conciliação, marcada para em 19 de março. A tentativa de entendimento é vista como um passo crucial para equilibrar a segurança jurídica do setor produtivo com os compromissos ambientais internacionais assumidos pelo Brasil. A sessão, que será conduzida pelo Núcleo de Solução Consensual de Conflitos, ocorre dentro do prazo de 90 dias estabelecido após a suspensão do julgamento das Ações Diretas de Inconstitucionalidade 7.774 e 7.775.

O debate coloca em lados opostos o setor produtivo, as tradings e entidades ambientalistas em torno de um acordo que vigora há quase duas décadas. Nesta etapa, o foco da Corte será exclusivamente a definição dos efeitos práticos das leis estaduais questionadas — como o andamento de processos judiciais, administrativos e eventuais indenizações —, sem entrar no mérito da constitucionalidade das normas. Caso não haja consenso ao fim do período estipulado, o julgamento será retomado pelos ministros. **D**

Mais grãos para combustíveis

A escalada dos preços do petróleo no mercado internacional, impulsionada pela guerra no Oriente Médio, tem aumentado a competitividade dos biocombustíveis e aquecido a demanda por biodiesel em Mato Grosso, informa o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), em boletim semanal sobre soja. Esse movimento tem reflexos diretos sobre o mercado de óleo de soja, principal matéria-prima do segmento, cuja procura se intensificou nas últimas semanas à medida que avança o esmagamento de soja, complementa o Imea. Em fevereiro de 2026, a produção de biodiesel no principal estado produtor de soja atingiu 195,3 mil metros cúbicos, um salto de 114% em relação a igual período do ano anterior e de 64% acima da média dos últimos cinco anos. O aumento expressivo reforça o crescimento do consumo no mercado interno, em um contexto de maior uso de biocombustíveis diante do encarecimento do diesel fóssil. Desde o início de março, quando eclodiu a guerra, o diesel subiu mais de 25% em média. A demanda aquecida do óleo de soja já se reflete nos preços. O produto foi negociado a quase R\$ 6 mil por tonelada no final de março. Mato Grosso, que respondeu por 23% da produção de biodiesel em 2025, tende a manter o protagonismo, especialmente com a previsão de ampliação da mistura obrigatória para B16 ainda em 2026, fator que deve continuar sustentando a demanda.

Área cultivada de milho recua devido à alta do tipo de adubo utilizado



GEORGE NEAT

Mudança de planos

Produtores americanos planejavam manter área de milho mesmo com dificuldades estruturais, mas a alta dos insumos devido à guerra de Donald Trump altera o cenário

Os agricultores dos Estados Unidos planejam reduzir a área destinada ao cultivo de milho e ampliar a produção de soja em 2026, na comparação com o ciclo anterior. Essa não era a ideia até um mês atrás. O movimento foi observado e detalhado há poucos dias pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), e reflete os impactos da guerra envolvendo o Irã. O conflito no Oriente Médio, o qual dura pouco mais de dois meses, elevou os

custos de fertilizantes e combustíveis, desferindo um novo golpe em um setor que enfrenta dificuldades estruturais.

A agência governamental americana publicou sua primeira estimativa de área cultivada, com base em pesquisa presencial, por meio de um relatório prospectivo de plantio. O relatório inclui dados trimestrais sobre os estoques de grãos nos Estados Unidos. Analistas advertem que as projeções — colhidas na primeira quinzena de março — podem não refletir

totalmente a gravidade das interrupções logísticas e o choque nos preços causados pela guerra. É possível que o governo do país revise para baixo a área cultivada de milho nos próximos meses.

Devido ao que está acontecendo no mercado de fertilizantes, e ao momento em que a pesquisa foi realizada, esse é provavelmente o maior número de área plantada de milho vista naquele país em 2026, afirmou Jake Hanley, diretor administrativo e especialista sênior de por-



Adubo nitrogenado saltou quase 40% já na primeira semana de guerra

VITALII PETRUSHENKO

tfólio da Teucrium Trading. O milho e o trigo demandam fertilizantes de maior valor agregado, o que reduz a atratividade dessas culturas frente à soja.

O cenário foi agravado pelo conflito gerado por Estados Unidos e Israel contra o Irã, que interrompeu o fornecimento crítico de nitrogênio do Golfo Pérsico para o mercado global. O adubo nitrogenado é o carro-chefe de lavouras de milho, entre outras, e logo na segunda semana de guerra já subiu perto dos 40%. Analistas consultados pela IstoÉ Dinheiro, logo no início do conflito, afirmaram que o maior efeito agora viria para os agricultores dos Estados Unidos justamente por ser época de plantio por lá. No Brasil, os agricultores compram os maiores volumes de adubos perto de final de abril e maio, para que os volumes cheguem a tempo para a safra cultivada no segundo semestre de cada ano.

A alta nos insumos é o obstáculo mais recente para produtores norte-americanos que já lidam com cotações fragilizadas, aumento de custos opera-

cionais e incertezas sobre a demanda da China. A guerra comercial iniciada pela administração de Donald Trump no ano passado já havia comprometido severamente as exportações de soja para o mercado chinês, o maior comprador mundial.

A intenção de plantio para o milho nos campos norte-americanos é de 95,338 milhões de acres, em comparação aos 98,788 milhões registrados em 2025, informou o USDA. Já para a soja, a previsão é de 84,7 milhões de acres, superando os 81,215 milhões do ano anterior. Analistas consultados pela Reuters projetavam números ainda mais conservadores para o milho, perto de 94,371 milhões de acres, enquanto a estimativa da soja veio abaixo do esperado pelo mercado, fator que, por fim, impulsionou os contratos futuros da oleaginosa.

Diante das repercussões da guerra na economia global, grupos de produtores pressionam o Congresso norte-americano pela aprovação de ajuda financeira adicional. Atualmente, o governo federal já distribuiu US\$ 12 bilhões ao

setor para mitigar as perdas decorrentes da disputa comercial com Pequim. Devido às tarifas, a venda da safra americana para os chineses e outros mercados ficou mais lenta.

Em 1º de março, os estoques de milho, soja e trigo nos Estados Unidos apresentaram alta em relação ao ano passado, reflexo de safras abundantes além do efeito das barreiras comerciais que represaram o escoamento. Os estoques de milho somaram 9,024 bilhões de bushels, contra 8,147 bilhões no período anterior. A soja atingiu 2,105 bilhões de bushels e o trigo 1,3 bilhão de bushels. O bushel é a medida de peso equivalente utilizada nos mercados internacionais, e varia conforme o grão. Para soja e milho equivale a algo próximo a 25 quilos.

Embora a oferta elevada pressione os preços pagos ao produtor, ela acaba por reduzir custos para a pecuária e para a indústria de biocombustíveis. “Há muito milho disponível no momento. Mas todos os elementos neste momento estão fazendo com que o risco seja de alta aqui”, continua Hanley. **D**

Agrônomos envolvidos na pesquisa buscam criar variedades de café mais resistentes



ALEXANDRE MEGHINI/REUTERS

Café do futuro

O aquecimento global poderá tornar 20% das áreas atualmente dedicadas ao café arábica inadequadas para o cultivo até 2050. O IAC estuda variedades resistentes

Sob um sol escaldante, o agrônomo Oliveiro Guerreiro Filho percorre uma miscelânea de plantas de café no Instituto Agronômico de Campinas, onde, ao contrário das fileiras uniformes da maioria das propriedades rurais brasileiras, cada cacho apresenta características distintas. Esse banco de germoplasma — composto por espécies algumas atarracadas, outras altas — inclui 15 variedades incomuns e não comerciais, como a racemosa, a liberica e

a stenophylla. A expectativa dos pesquisadores, informa a Reuters, é que os genes dessas plantas possam sustentar o suprimento futuro do café arábica.

Cientistas alertam que as colheitas do café arábica, o grão mais consumido no mundo, serão severamente impactadas pelas mudanças climáticas, com a projeção de que a produção em grandes players como o Brasil, entre os maiores fornecedores globais, registre queda. De acordo com relatório recente da institui-

ção financeira Rabobank, o aquecimento global poderá tornar 20% das áreas atualmente dedicadas ao arábica inadequadas para o cultivo até 2050. Diante desse cenário, os especialistas do instituto de pesquisa do estado de São Paulo buscam criar variedades mais resistentes por meio da introdução de material genético de espécies mais rústicas em novos híbridos.

Um dos exemplos de resiliência vem da espécie liberica, cuja robustez diante



Preço do café, afetado pelo clima, deve recuar, avaliaram especialistas em evento da NCA

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

de condições extremas de calor e seca foi elogiada por produtores da Indonésia e da Malásia, que testaram o comportamento da planta em pequenos lotes. “A liberica tolera muito bem o calor e as altas temperaturas, além de ser resistente a doenças”, afirmou à Reuters o especialista Jason Liew, fundador da My Liberica, localizada no estado de Johor, na Malásia.



DIVULGAÇÃO

Liew, da My Liberica: liberica é uma variedade de café que tolera o calor e resiste a doenças

Embora agricultores valorizem tais qualidades em espécies menos difundidas, os pesquisadores brasileiros focam em transferir essas características para as plantas de arábica, que são mais produtivas e possuem maior aceitação de mercado. Guerreiro Filho explica que o instituto trabalha há anos para migrar genes de tolerância à seca da espécie racemosa para a arábica. Trata-se, contudo, de um processo de longo prazo: a produção de mudas cruzadas e a exposição dos híbridos a condições adversas para identificação das linhagens mais robustas pode demandar de 20 a 30 anos de estudos.

Além da adaptação climática, os híbridos são testados para ampliar a resistência a pragas e doenças. O cruzamento entre arábica e liberica demonstrou maior eficácia contra a ferrugem do café, uma infecção fúngica severa. Já a união com a racemosa apresenta melhores resultados no combate ao bicho-mineiro, principal praga da cafeicultura nacional.

Para Rodolfo Oliveira, chefe da unidade de café da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), tais investigações são vitais para o futuro da commodity. Segundo o executivo, o café arábica possui uma base

Café ladeira abaixo

Uma dinâmica mais recente de recuperação produtiva (somado a um efeito de recuo de consumo), pode derrubar as cotações globais de café em 2026, em um movimento similar ao visto recentemente no mercado de cacau. O assunto veio à tona em março em meio à convenção anual tradicionalmente organizada pela Nacional Coffee Association (NCA), que ocorreu em Tampa, Flórida, nos Estados Unidos. Carlos Mera, analista-chefe de café do banco holandês Rabobank, afirma que a demanda global por café ficou congelada em 2025, contrastando com o crescimento histórico de 2,3% ao ano registrado no período pré-pandemia.

No Brasil, o maior produtor e segundo entre os consumidores, o café saltou no varejo ao longo do ano passado, o que levou à retração de 2,3% entre novembro de 2024 e outubro de 2025, para 22 milhões de sacas de 60 quilos, informou recentemente a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic). As indústrias torrefadoras dizem que a matéria-prima subiu mais de 200% nos últimos cinco anos. Mas a recente queda do preço internacional do café, contudo, poderá impulsionar a demanda novamente, com alta prevista de 2% para 2026 no globo, projeta o Rabobank. Os especialistas do setor cafeeiro têm traçado paralelos entre os mercados de café e cacau, projetando que as cotações do grão sofrerão retração nos próximos meses pela alta de safra em países produtores do tipo arábica.

genética extremamente estreita, o que o torna altamente vulnerável. Nesse contexto, a introdução de material genético novo e ‘selvagem’ de espécies alternativas torna-se uma estratégia fundamental para garantir a segurança da produção global. **D**

Estreia em Porto Real

Jeep Avenger, da Stellantis, começa a ser fabricado no Rio de Janeiro – a segunda casa do modelo no mundo depois da Polônia

Lucca Mendonça

As primeiras unidades de teste do Jeep Avenger, da Stellantis, começaram a passar pelas linhas de produção do Polo Industrial de Porto Real, no Rio de Janeiro. A fábrica, que já produz os Citroën C3, Basalt e Aircross, vai fazer também o SUV pequeno da Jeep, que pretende chegar para combater Fiat Pulse, VW Tera, Renault Kardian e afins, ainda em 2026. A indústria no Rio de Janeiro é a segunda casa de produção do Avenger no mundo: até hoje era feito apenas na Polônia.

O Jeep Avenger, vendido na Europa desde 2022, usa justamente a mesma plataforma modular CMP da Peugeot-Citroën. É a base dos C3, Basalt, Aircross, 208, 2008 e por aí vai. E, nada melhor que fazer o Avenger onde justamente já saem carros com a plataforma CMP: Porto Real. A Consent Management Platform, ou CMP, é um software que contribui para que as montadoras consigam gerenciar dados pessoais do motorista, ou seja, quais dados o veículo pode coletar e como ou com quem

pode compartilhá-los. A planta, vale lembrar, recebeu R\$ 3 bilhões em investimentos os quais deverão atender o período entre 2025 e 2030.

Este modelo é o menor carro da história da Jeep, com menos de 4,10 metros de comprimento, cerca de 1,78 metros de largura, 1,53 metros de altura e entre-eixos um pouco maior que o do Peugeot 208 e Citroën C3: 2,56 metros. Os 380 litros de capacidade do porta-malas ficam na média da categoria, e são maiores até que os 320 litros do 'irmão' de maior tamanho, o Renegade, também da Jeep.

Ainda que na Europa o Avenger seja vendido em versões elétricas ou híbridas movidas por 1.2 turbo, aqui no Brasil a aposta será mais modesta (e tradicional): 1.0 turboflex T200, família GSE T3, desenvolvido pela Fiat, associado ao câmbio automático CVT de sete marchas

Modelo compete com Fiat Pulse, VW Tera e Renault Kardian



Os radares com IA

As cidades brasileiras levam mais de seis meses para tapar buracos na via, mas a inovação de radares com inteligência artificial (IA) já chegou ao país. E, mesmo operando em estradas pontuais de São Paulo, tais equipamentos já aplicaram mais de 16 mil multas. A maioria delas por uso de telefone celular e falta de cinto de segurança, segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF).

Em síntese, esse tipo de radar inteligente tem câmeras de altíssima definição e algoritmos de visão computacional. Por isso, os equipamentos são capazes de identificar nitidamente o que acontece dentro dos carros. Seja qual for o clima ou a hora do dia, o motorista é flagrado se estiver fumando, sem cinto de segurança, na contramão, fazendo ultrapassagem proibida, comendo, bebendo, com celular ao volante, e por aí vai.

As imagens capturadas pelos radares com IA, na sequência, são analisadas por um agente da PRF, que realiza a confirmação da ação e dá o aval para que a multa seja emitida em nome do infrator. Isso serve, em síntese, para neutralizar ações judiciais por erro. O videomonitoramento do trânsito é autorizado pela resolução nº 909 do Conselho Nacional de Trânsito (Contran).

Agora, resta saber se o dinheiro arrecadado com as multas será investido em educação no trânsito. Afinal, é necessário tentar, ao menos, reverter os altos índices de mortes nas ruas e estradas do país. De acordo com a Associação Brasileira de Medicina do Tráfego (Abramet), o excesso de velocidade é a maior causa de mortes no trânsito brasileiro. Na sequência, aparecem embriaguez e uso de celular ao volante.

A PRF iniciou chamado público para adquirir, por meio de doação, tecnologia de fiscalização com inteligência artificial. O objetivo é usar os equipamentos nas rodovias federais por seis meses. Os locais de funcionamento dos equipamentos de fiscalização com inteligência artificial serão definidos pela própria polícia. Mas a responsabilidade pela instalação, manutenção, treinamento dos operadores e remoção dos equipamentos ficará com os escolhidos no processo.

Equipamentos já aplicaram 16 mil multas em São Paulo



PEDRO RIBAS/SMCS

simuladas. Também é muito provável que, até sua estreia no Brasil, a tecnologia híbrida-leve já tenha se popularizado: ela é formada pela união do motor de arranque com alternador, criando um gerador elétrico que ajuda o motor a combustão a impulsionar o carro.

Na Europa, há ainda a opção da tração nas quatro rodas, que, dadas as preferências mercadológicas, não será prioridade por aqui. Por lá também existe o Avenger EV, totalmente elétrico,

com powertrain emprestado do Peugeot 2008 elétrico, incluindo motor de tração, baterias e afins. Ainda é cedo para cravar o preço de etiqueta. Mas, dado o fato de que ele ficará abaixo do Renegade, se pode esperar cifras parecidas com as dos rivais (Pulse, Kardian ou Tera). Ou seja, uma faixa entre R\$ 110 mil e R\$ 150 mil na cotação atual. A versão básica do Renegade, que vale R\$ 118 mil, já até se despediu do mercado para abrir espaço para a estreia Avenger. **D**



REPRODUÇÃO

O Avenger é o menor da história da Jeep, com menos de 4,1 metros de comprimento

Cultura a todo vapor

Depois de captação recorde no ano passado, a Lei Rouanet movimentou 13% mais recursos no primeiro trimestre de 2026



Margareth Menezes, da Cultura: tema volta a ser tratado como política pública estratégica

dos revelam uma progressão anual robusta. Enquanto em 2022 foram captados R\$ 108 milhões por meio da lei, o valor chegou a R\$ 162 milhões em 2023, passou a R\$ 178 milhões em 2024 e, no ano passado, o montante destinado à cultura nos primeiros três meses foi de pouco mais de R\$ 315 milhões. “Esse resultado mostra que a cultura voltou a ser tratada como política pública estratégica para o desenvolvimento do Brasil”, disse a ministra da Cultura, Margareth Menezes.

Na leitura da responsável pela Pasta, a Lei Rouanet recuperou credibilidade, ampliou seu alcance e hoje movimentou investimento, gera emprego, renda e oportunidades em todas as regiões do país. Via de regra, os projetos que captam recursos por meio dessa regulação acabam gerando empregos diretos e indiretos. Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que para cada R\$ 1 gasto na execução dos projetos da Lei Rouanet, cerca de R\$ 7 são movimentados na economia. Isso envolve logística e transporte de equipamentos, por exemplo, gastos do público com hotéis e comércio, além da contratação de serviços de propaganda, limpeza e segurança.

T tecnicamente denominada Lei Federal nº 8.313/1991, a legislação foi criada no início da década de 1990 para instituir o Programa Nacional de Apoio à Cultura, o Pronac. Embora o programa envolva três mecanismos distintos de fomento, ele tornou-se amplamente conhecido pelo modelo de incentivo a projetos culturais executados por meio de renúncia fiscal. O processo exige que o proponente submeta uma proposta detalhada ao Ministério da Cultura, acompanhada de orçamentos, análise de impacto, cronograma e documentos comprobatórios. A avaliação das propostas ocorre em duas etapas. A primeira, de caráter técnico, verifica a conformidade formal, a viabilidade orçamentária e o enquadramento jurídico. A segunda fase analisa o mérito cultural, a relevância artística, o impacto sociocultural e diretrizes como o acesso democrático e a regionalização. **D**

A pós viabilizar o maior investimento em cultura de sua história no ano passado, a Lei Rouanet iniciou 2026 com um novo recorde de captação trimestral. Entre os meses de janeiro e março foram arrecadados R\$ 355 milhões por meio de renúncia fiscal, resultado que representa um crescimento de 13% em um ano. O desempenho consolida uma trajetória de ascensão desde 2024, quando o mecanismo atingiu pela primeira vez a marca de R\$ 3 bilhões, e em 2025, somou R\$ 3,4 bilhões captados.

A legislação, que não financia projetos de filmes longa-metragem, existe desde a década de 1990. Por meio dela, pessoas físicas e jurídicas que optam por patrocinar iniciativas culturais têm o direito de deduzir os valores investidos do Imposto de Renda devido. Dessa forma, a renúncia fiscal materializa a decisão estratégica do Estado de abrir mão de uma parcela da arrecadação tributária para direcionar capital diretamente ao fomento do setor cultural brasileiro.

Ao se observar o recorte específico do primeiro trimestre deste ano, os da-

Museu, orquestra e Bienal

Grande parte dos projetos culturais que obtiveram recursos de renúncia fiscal no ano passado estão ligados à manutenção de espaços culturais físicos. Maior museu a céu aberto do mundo, o Instituto Inhotim, localizado em Brumadinho (MG), aparece no topo do ranking, com R\$ 41,5 milhões arrecadados. Há outros perfis de iniciativa, como a Orquestra Petrobras Sinfônica, por exemplo, que captou R\$ 32 milhões para seu financiamento ao longo de um período de dois anos. Já a Fundação Bienal de São Paulo reuniu R\$ 30 milhões para aportes em um ciclo que vai de 2024 a 2027. Destacam-se também projetos de restauro, como a reforma do Conjunto Mercedários, importante complexo arquitetônico em Belém, e do Complexo Trapiche Santo Ângelo, localizado em São Luís do Maranhão.

Diesel, gás de cozinha e mudança na CLT

O estudo de viabilidade para autossuficiência em diesel pela Petrobras, a anulação do leilão de GLP por Lula e a norma que garante folga para exames foram destaques nas redes

Stephanie Mecco

Petrobras estuda plano para tornar Brasil autossuficiente em diesel em 5 anos, diz CEO

A Petrobras estuda a viabilidade de aumentar a meta de produção de diesel prevista em seu plano de negócios para os próximos cinco anos, visando tornar o Brasil autossuficiente no combustível, disse a presidente-executiva, Magda Chambriard. A capacidade de produzir toda a demanda do Brasil por diesel retiraria o efeito de volatilidades externas.



Lula diz que anulará leilão da Petrobras após ágio de 100% no gás de cozinha

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse na quinta-feira, 2, que determinará a anulação de leilão de GLP, o gás de cozinha, realizado pela Petrobras, alegando que houve ágio de 100% no preço do gás vendido pela estatal e a população não tem condição de arcar com esse custo. "Como é que você vai permitir que o povo arque com essa responsabilidade?", disse ele em entrevista à TV Record Bahia.



Norma obriga empresas a informar sobre vacinação e garante folga para exames

O presidente Lula sancionou mudança na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) para obrigar empregadores a fornecerem informações aos trabalhadores sobre campanhas oficiais de vacinação e doenças como o papilomavírus humano (HPV) e os cânceres de mama, de colo do útero e de próstata. A norma publicada no Diário Oficial da União também garante ao empregado o direito de se ausentar do trabalho por até três dias a cada 12 meses para realizar exames preventivos relacionados a essas condições, sem prejuízo do salário.



Do metrô ao Grammy Latino: quem é Zanna, a voz por trás dos anúncios no vagão

"Próxima estação. Next station, Botafogo." A frase é parte do cotidiano de quem circula pelo MetrôRio. A voz por trás dos anúncios ecoa em diferentes cidades do país. Por trás dessa familiaridade está Zanna, cantora e compositora com trajetória consolidada na música popular brasileira e indicações ao Grammy Latino.



ISLA reaproveitou resíduo têxtil e amplia geração de renda para milhares em região de mineração

Durante participação no programa IstoÉ Mulher + Fructus Entrevista, Silvia Monteiro contou sobre a parceria da ISLA, de acessórios femininos, e uma comunidade em uma região de mineração, a qual aumenta a geração de renda local e surgiu a partir do reaproveitamento de um resíduo da indústria têxtil, a ourela.



www.istoedinheiro.com.br

TikTok: tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: instagram.com/istoe_dinheiro/

LinkedIn: linkedin.com/company/istoe-dinheiro/

YouTube: m.youtube.com/@istoe_dinheiro

X: x.com/istoe_dinheiro

Facebook: facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra



"Se depender de mim, a gente fecha as bets"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, ao defender a proibição dos jogos de apostas online no Brasil em meio ao alto grau de endividamento da população

RICARDO STUCKERT/PPR



"Não posso aceitar ser humilhado"

Eduardo Bolsonaro, ex-deputado federal e filho '03' de Jair Bolsonaro, sobre briga nas redes sociais com o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG)

FUCKR EDUARDO BOLSONARO



"Não estamos preocupados com a idade das pessoas. A gente quer saber se são pessoas que se encaixam na nossa cultura, que têm o conhecimento que a gente precisa, têm a motivação e o engajamento que a gente busca"

Dennis Herszkowicz, CEO da Totvs, em crítica ao etarismo no mercado de trabalho

REPRODUÇÃO



"Com relação ao Irã, ocorreram discussões de alto nível entre o nosso governo e o governo chinês"

Karoline Leavitt, porta-voz da Casa Branca, sobre reunião realizada nesta semana entre representantes do governo norte-americano e da China

EVELYN HOCKSTEIN/REUTERS



"Abram a p* do estreito, seus bastardos loucos, ou vocês vão viver no inferno"**

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, ao governo iraniano em post no Truth Social sobre a liberação do Estreito de Ormuz

EVAN VUCCI/REUTERS

A piora no cenário da inflação de alimentos



Bruno Imaizumi

é economista da
4intelligence

A inflação de alimentação no domicílio no Brasil pode estar se encaminhando para um cenário mais crítico nos próximos meses, resultado da combinação de fatores de curto, médio e longo prazos que começam a se alinhar de forma preocupante. Embora, isoladamente, cada um desses vetores já seja conhecido, o risco atual está justamente na sua simultaneidade e na possibilidade de reatualização entre eles.

O primeiro sinal aparece nas expectativas. No relatório Focus, a projeção mediana para a inflação de alimentação no domicílio no IPCA em 2026 subiu de 3,5% para 4,2% em um pouco mais de um mês. Esse tipo de revisão tende a ser lento e inercial, mas quando ocorre de forma mais consistente, geralmente indica mudanças mais profundas na percepção de risco. Em outras palavras, o mercado começa a precificar um cenário menos benigno para os preços de alimentos, mesmo antes de choques mais visíveis se materializarem.

No curto prazo, diante da volatilidade e da magnitude do choque de preços de petróleo que a escalada do conflito no Oriente Médio traz, vale recorrer ao box do Relatório Trimestral de Inflação (RTI) de março de 2022 do Banco Central do Brasil, que estima que um aumento de 10% no preço do petróleo em reais gera impacto direto entre 0,3 e 0,4 p.p. no IPCA como um todo, especialmente via gasolina que tem um peso maior no índice.

Por si só, esse resultado já é relevante, mas tende a subestimar o impacto sobre os alimentos. Isso ocorre porque o diesel, apesar de ter peso pequeno dentro do IPCA, funciona como insumo importante para a economia brasileira, afetando o custo do frete de alimentos, a operação de máquinas, o escoamento da produção e a distribuição até o consumidor final. Além disso, seu preço tem forte sensibilidade junto aos caminhoneiros, um grupo politicamente relevante, especialmente em ano eleitoral. Movimentos nesse segmento podem gerar pressões e incertezas adicionais sobre preços e políticas públicas, aumentando a complexidade para quem acompanha a inflação.

A alta expressiva de preços dos principais insumos de fertilizantes deve ser adicionada a este quadro no médio prazo. Muitos fertilizantes têm relação direta com petróleo e gás natural, como o enxofre. Ao mesmo tempo, esses insumos também são demandados por outros setores industriais, o que aumenta a competição e potencializa a volatilidade de preços.

A evidência empírica mostra que choques na oferta de fertilizantes explicam uma parcela substancial da variação dos preços de produção, tanto domésticos quanto internacionais, em um horizonte de até dois anos. Além disso, análises históricas indicam que esses choques tiveram papel relevante em episódios críticos recentes, incluindo choques geopolíticos. Isso reforça a ideia de que o canal de fertilizantes não apenas pressiona custos no curto prazo, mas sustenta movimentos inflacionários mais persistentes ao longo do tempo. Vale ressaltar que o Brasil tem uma dependência externa de aproximadamente 80% dos fertilizantes que consome.

As mudanças climáticas configuram mais um vetor altista para a inflação de alimentos. Ao replicar um outro box do RTI que estima os impactos de fenômenos climáticos sobre os preços de alimentos no Brasil e incorpora as projeções mais recentes das agências climáticas internacionais para o El Niño, observa-se uma elevação de 0,7 para quase 1,0 ponto percentual na contribuição esperada desse fator para a inflação de 2026, refletindo o aumento da probabilidade de ocorrência do fenômeno no segundo semestre.

Por fim, mesmo com revisões recentes indicando melhora nas projeções de safra para este ano, isso não necessariamente se traduz em alívio para os preços domésticos. Parte relevante da produção agrícola brasileira é destinada ao mercado externo, ainda mais em um contexto de preços internacionais ainda elevados. Essa sobreposição de choques, cada um com sua própria defasagem e mecanismo de transmissão, aumenta o risco de uma pressão inflacionária mais disseminada e persistente sobre os preços de alimentos do que já está sendo avaliada por boa parte dos economistas. **D**

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

